

2ª Série-Ano I Nº 23
Quinta-feira
de 4 a 10 de Março
1999
Fundado em 1852
100500/0.50€
Direcção
Lino Vinhal
Presidência
FEDRAVE

CAMPEÃO

das províncias

Microsoft
COMPAQ
PHILIPS
EPSON

MW3 Computadores

R. Cândido da Silva, 120-A - 48000 - Tel. 034.303.380



Subsídios para a história da Censura

Páginas 12 e 13

Consultório: um espaço semanal da A.C.A.

Página 21

Cozinha Social das "Florinhas do Vouga"

Página 7

Pescadores de Esmoriz desiludidos com proposta do Governo

Página 9

Miguel Bastos na rubrica "A vez da voz"

Página 24

Termómetros de mercúrio são perigosos

A França, depois da Suíça, Noruega, Suécia e Dinamarca, proibiu, na passada segunda-feira, a venda de termómetros medicinais de mercúrio. Em Portugal, a interdição ainda não aconteceu, apesar das recomendações que, desde 1997, têm vindo a ser feitas pela DECO.

Página 4



João Cravinho prometeu voltar

Aveiro quer ver as obras a andar

O Ministro do Equipamento, Planeamento e Administração do Território esteve em Aveiro para presidir à assinatura de protocolos entre o Instituto Português de Cartografia e Cadastro (IPPC) e seis associações de municípios, ao abrigo do programa Procarta. Mas a cartografia digital não foi a tónica dominante do discurso de João Cravinho. O governante defendeu-se das críticas de que o seu Ministério tem sido alvo, atacando a Oposição, e garantiu aos aveirenses que as grandes obras de acessibilidades para o distrito estão a avançar.

Página 5

Entrevista com a deputada Rosa Maria Albernaz

Eu fui sempre contra as quotas

Páginas 2 e 3



ESQUINA VIVA
EMOLDURAMENTO E ESPAÇO DE ARTE, LDA.
www.esquina viva.pt

loja 1 • Rua Comandante Rocha e Cunha, 51 - A
Tel./Fax 034-265-46 • 3810 AVEIRO
loja 2 • Estr. do Cruzeiro, Il. Vicente Almeida Ego, 2-40
Tel. 034-316547 • ESG0506A • 3800 AVEIRO
loja 3 • Centro Comercial Orla, loja 410
Av. Dr. Lourenço Peixinho, 146 • 3800 AVEIRO

VENDA DE:

Telas Litografias
Serigrafias Estampas

Rosa Maria Albernaz

Está para breve a discussão, na Assembleia da República, do projecto de lei do PS conhecido como "Lei de Protecção dos Animais". Rosa Maria Albernaz, deputada socialista eleita pelo círculo eleitoral de Aveiro, é a autora deste projecto, o resultado de três anos de intenso trabalho e investigação. Lamenta algumas polémicas, que desvaloriza, mas congratula-se pelo apoio que o projecto está a receber da sociedade civil. Apesar de ser deputada socialista, assume-se contra a lei das quotas, «porque não gosto desta imposição», mas acredita que «esta lei é um mal menor». A pesca artesanal tem sido uma das suas grandes preocupações; a regulamentação da majoreira e a segurança social para os pescadores da arte xávega, são algumas das suas batalhas.

Paula Ventura

Campeão das Províncias (CP) – Há quem considere a lei de protecção dos animais uma hipocrisia: defendem-se os animais do sofrimento, mas, por exemplo, não há coragem para proibir a taurada...

Rosa Albernaz (RA) – Eu não gosto de tauradas, não vou a tauradas. A minha grande esperança é a de que, com o andar dos tempos, os nossos jovens deixem de frequentar tauradas portuguesas, tal como já está a acontecer. Espero que, lentamente, as praças de touros vão fechando, à semelhança do que aconteceu com a de Espinho, que o presidente da Câmara reconverteu num espaço para desportos radicais – acho que é um bom exemplo a seguir. Eu tenho os pés bem

assentes na terra; eu nunca poderia dizer

fim à taurada portuguesa, porque reconheço que ainda existe, em Portugal, um grupo de aficionados e, porque a lei prevê já essa excepção, eu nunca exigiria o fim da taurada. Mas é certo que, no meu projecto, eu reafirmo o não aos touros de morte e à sorte de varas, que, para mim, é um espectáculo ainda mais violento, um espectáculo de tortura e de sofrimento muito maior do que os touros de morte...

CP – Então é uma injustiça o que dizem do seu projecto...

RA – As pessoas deturpam as coisas: o meu projecto fala de tauradas, de touros de morte, mas poderia até não falar, porque eu reafirmo aquilo que a lei prevê: mas faço-o, por dois motivos: primeiro, porque na lei portuguesa não se fala na sorte de varas; segundo, porque penso que, da maneira como se fazem as tauradas à portuguesa, o touro é vítima de um grande sofrimento; após a lide, é necessário que o touro seja imediatamente abatido, possivelmente, num matadouro próximo da praça de touros; mas o que eu defendo é a existência de um local, na própria praça, onde o touro seja imediatamente abatido,

«Espero que, lentamente, as praças de touros vão fechando»

num processo que não provoca sofrimento ao animal. É natural que esta ideia provoque uma certa reacção negativa por parte dos empresários que não querem investir em melhoramentos. Não entendo por que é que se manifestam tanto contra este aspecto do meu projecto: se uma discoteca, ou qualquer outro estabelecimento público, tem que cumprir uma série de regras para abrir portas, porque é que

as praças não háo de estar também sujeitas às normas comunitárias? Até porque esta é uma questão de saúde pública. Também lamento que os críticos do meu projecto não se preocupem com as enfermarias para apoio aos toureiros, embora eu não frequente as praças, sei que foi reconhecido por pessoas ligadas às tauradas, que, a maior parte das praças, não possui qualquer tipo de estrutura para assistência aos toureiros... Não vejo ninguém preocupado com isso.

CP – E relativamente a outras actividades como a caça e a pesca?

RA – O meu projecto não tem nada a ver com isso...

CP – Mas fala-se nisso...

RA – Falam nisso, porque são pessoas de má-fé. O meu projecto diz que não se pode provocar e infligir sofrimento aos animais; então, dizem que

a pesca e a caça infligem sofrimento... Só não entendendo por que é que dizem que o meu projecto é contra os desportos como a equitação! Eu acho que tem de haver senso comum e honestidade. O meu projecto fala de protecção animal, um assunto que toda a Europa já discutiu e legislou há muitos anos. Nesta altura, fala-se já de leis relativas ao bem-estar dos animais, e Portugal, infelizmente, está na cauda

«Dentro de todos os partidos há uma certa resistência à participação das mulheres»



«Em Portugal, os animais são considerados, pela lei, como coisas»

da Europa, relativamente a este assunto: só agora estamos a falar da protecção dos animais e, mesmo assim, num âmbito mais restrito do que no resto dos países europeus. Apesar disso, veja a polémica que este projecto tem provocado. Em Portugal, os animais são considerados, pela lei, como coisas. Mas a minha grande esperança são os jovens. Eu tenho recebido um extraordinário

apoio por parte das universidades e das escolas em geral. Os estudantes vão à Assembleia da República impunhar cartazes de defesa do projecto; os jovens têm tido uma atitude realmente extraordinária relativamente a este projecto, que não é meu; e do grupo parlamentar do Partido Socialista, é o projecto do PS, porque foi aceite, por unanimidade, no Secretariado Nacional do

partido.
CP – Relativamente a esta campanha televisiva, têm surgido, também, algumas críticas. Há quem seja de opinião que o spot é manipulador da opinião pública...

RA – Eu não entendo estas críticas, porque aquela imagem é quase nula perante aquilo que se faz aos animais, que é cem mil vezes do que é ali mostrado. Eu tenho notícias de

coisas incríveis que se passam à frente dos nossos olhos. A Liga de Protecção dos Animais tem processos em curso relativos a pessoas que chegaram a retirar a pele e os olhos a animais vivos; sei de uma outra situação de caçadores, praticantes a caça livre, que levavam os seus cães e, por estes terem passado para uma courada, foram imediatamente abatidos; é um processo que está entregue ao Tribunal de Cantanhede. Isto demonstra que aquela imagem que vemos na televisão é muito branda, relativamente ao que se passa. Quem faz estas críticas são pessoas que nunca pensaram que a opinião pública se manifestasse desta maneira. Temos que acordar para dizer "basta" a certos lobbies,

que são uma minoria das minorias dentro do povo português.

CP — Quais são as suas perspectivas relativamente ao projecto?

RA — O projecto vai passar. São três anos e meio de trabalho árduo em conjunto com diversos grupos. Quis ouvir a opinião de juizes, de juristas, de pessoas ligadas à protecção animal, ao Parlamento Europeu, às ciências e à biologia. Fiz este projecto com toda a calma necessária, de forma a não criar problemas na sociedade portuguesa; é um projecto de consenso na Assembleia da República, de consenso na sociedade civil. As pessoas que se manifestam contra este projecto são uma ínfima minoria.

RA — Na Assembleia da República vai também discutir-se, em breve, a questão das quotas por sexo no sistema eleitoral português. Acha mesmo

«Sou feminista na defesa dos problemas relacionados com a mulher»

que esta lei é necessária? Não existirão outras questões, também relacionadas com a mulher, que deveriam merecer maior atenção?

RA — Sim, mas reparar é importantíssimo trazer as mulheres para a vida política, para a participação nos órgãos autárquicos, nos partidos, nas organizações da sociedade civil, na Assembleia da República, nos tribunais... Porque as

«Nunca ouvirmos da minha boca dizer que o problema da majoieira estava resolvido»

mulheres têm uma maior sensibilidade para questões relacionadas com a área da criança, dos idosos e dos problemas das próprias mulheres. Eu sou contra as quotas, sempre fui contra as quotas, mas, ao longo destes 25 anos, de militância partidária (num partido aberto que nunca me criou problemas), sempre fui eleita directamente, e, mesmo assim, reconheço que tenho trabalhado

«Há problemas gravíssimos que estão a ser resolvidos pela nova administração da Direcção-Geral de Portos».

do mais que alguns dos meus colegas, para me conseguir ir. Reconheço, também, que, dentro de todos os partidos, há realmente, uma certa resistência para a participação das

mulheres; por isso, acho que esta lei é um mal menor. De qualquer maneira, esta é uma lei para aplicação imediata, porque penso que, no futuro, não teremos necessidade de impor quotas. As mulheres estão a entrar, cada vez mais, nas universidades...

CP — Mas isso não garante acesso aos cargos de chefia...

RA — Sim, o que é preciso é dar oportunidades, porque, depois, no dia-a-dia, não existe luta entre homens e mulheres; trabalhamos lado a lado.

CP — Mas por que é que se assume contra as quotas?

RA — Porque não gosto desta imposição. Tenho pena que, no nosso país, sejam-nos obrigados a impor este sistema. Mas penso que, no futuro, deixarei de haver necessidade. É um mal menor. Estamos a entrar num novo milénio e é necessária uma maior abertura em todas as áreas, principalmente na área política, porque é aí que nos podemos intervir em favor da sociedade e, essencialmente, em prol das mulheres. Eu julgo que a imposição da lei será um virar da página.

CP — Paritilha da opinião de que as mulheres terão, cada vez mais, no futuro, um papel determinante na nossa sociedade?

RA — Sim, tal como os homens. Eu sempre gostei, quer na política quer na vida profissional, de lutar ao lado do homem.

CP — Não é feminista?

RA — Sou feminista na defesa dos problemas relacionados com a mulher. Nós vivemos, durante muito tempo, numa sociedade em que a mulher não tinha possibilidades de singrar na vida profissional ou política. As mulheres não podiam entrar na universidade, não podiam ser juizes... Portanto, com o tempo, nós vamos estar lado a lado com os homens e deixaremos de pensar na paridade. Só há uma coisa em que eu considero que as mulheres são diferentes: nós somos competentes como os homens, também pensamos com a nossa cabeça, mas temos o nosso coração mais aberto.

CP — Desde sempre se empenhou, pessoalmente, na questão dos pescadores de Esporão e da majoieira. O processo está, finalmente, bem encaminhado?

RA — O secretário de Estado das Pescas elaborou uma proposta que, penso, terá a receptividade que todos esperamos. Mas eu quero dizer que o comunicado difundido pelo Sindicato dos Trabalhadores da Pesca do Norte não foi correcto. Nunca ouvirmos da majoieira dizer que o problema da majoieira estava resolvido. O que eu sempre disse foi que o secretário de Estado estava aberto à discussão deste assunto; e tanto era verdade que as coisas estão a andar. Mas é certo que sempre existiu, da minha parte, uma grande preocupação relativamente aos problemas da pesca artesanal. Na Assembleia da República, sempre se falou dos problemas económicos da pesca, que se referem à pesca longínqua, e nunca se falava da pesca artesanal; por isso, já na anterior legislatura eu levantei voz para abordar estas questões.



«No dia-a-dia, não existe luta entre homens e mulheres»

CP — Portanto, também concorda com a necessidade de resolver a questão da majoieira o mais depressa possível...

RA — Sim, mas também lhe digo: será uma arte reservada exclusivamente aos pescadores da sávelga e não aos que praticam esta actividade fora das horas de trabalho.

CP — Mas esta não é a única preocupação...

RA — Nós temos preocupações na área da segurança social; por isso pedimos já uma entrevista com o secretário de estado. É preciso resolver o problema dos pescadores da arte sávelga durante o período em que não é possível praticar esta actividade. Tenho que a certeza de que vamos chegar a um acordo.

CP — Qual é a sua maior preocupação, nesta altura, relativamente ao distrito de Aveiro?

RA — Devo-lhe dizer que os deputados do Partido Socialista têm tido uma actividade extraordinária. Fomos nós que conseguimos o porto de abrigo para os pescadores da Torreira e o porto de recreio que vai ser inaugurado du-

rante o mês de Abril. Neste momento, está também concluído o projecto relacionado com a marina do Carregal, em Ovar — uma das muitas promessas durante a campanha eleitoral. Em breve, serão também lançadas as obras das muralhas e do porto de recreio para São Jacinto. Reuni-mos, recentemente, com o director-geral de Portos e recebemos a garantia de que a obra ficará, este ano, praticamente, concluída.

CP — Sei que acompanhou de perto o processo das dragagens na Ria de Aveiro. Os trabalhos foram alvo de protestos por parte das populações ribeirinhas. O que correu mal?

RA — Houve incumprimento do contrato, por parte da Junta Autónoma do Porto de Aveiro (JAPA) e do empreiteiro. Problemas que levaram à nomeação de uma nova administração na Direcção-Geral de Portos. Existem problemas gravíssimos que estão a ser resolvidos pelos novos directores.

CP — Acredita no futuro da ria?

RA — Acredito, porque nós estamos muito atentos.

Caça a cavalo e tiro aos pombos

O projecto de lei de protecção dos animais, de que Rosa Albernaz é autora, prevê o fim da caça a cavalo e com matilhas de cães, assim como a criação de raposas e outras espécies para fins de caça. Pontos que provocaram alguma polémica entre caçadores, mas a deputada socialista desvaloriza os protestos: «Quem não concorda com o meu projecto, diz que os caçadores não me apoiam. Isso não é verdade. A única or-

ganização que se manifestou foi a Feneçaça — uma associação, com cerca de 20 mil associados. Que não estou contra a caça, até porque quem faz a legislação para a caça é o Ministério da Agricultura; eu apenas falei numa actividade de que não é desporto nem caça: é a chamada caça a cavalo e com matilhas de cães. Não é por acaso que a Federação Nacional dos Caçadores e Proprietários, que representa 230 mil associa-

dos, apoia o meu projecto». Quem não está de acordo é a Federação Portuguesa de Tiro com Armas de Caça, que classifica esta lei de «profundamente hipócrita». Segundo a Federação, o tiro ao pombo tem mais de 100 anos de história em Portugal, sendo utilizado, exclusivamente, pombos de caça zurruto, uma espécie criada propositalmente para esta actividade e que será extinta se acabar o tiro ao pombo. Rosa

Albernaz desfaz esta tese: «Esta espécie de pombos é criada em Espanha — não existe criação de pombos em Portugal. Estes animais viajam para cá em condições terríveis, chegando, muitas vezes, já mortos. São pombos pequeninos que ficam cravejados de chumbos, e que nem sequer servem para alimentação. Posso dizer-lhe que ainda há pouco tempo, num torneio, foram abatidos cinco mil pombos. Esta modalidade só existe a em Portugal e em algumas, poucas, regiões de Espanha; não se pratica tiro ao pombo em mais nenhum país da Europa».

Uma pastilha contra a calvície masculina

O primeiro comprimido para acabar com a calvície masculina deverá estar à venda, em Portugal, ainda esta semana.

Segundo os especialistas, o "Propécia" é eficaz e não só impede que os cabelos continuem a cair, como, na maioria dos casos, até os faz crescer.

Calcula-se que, em Portugal, 600 mil homens, entre os 25 e os 40 anos, sofrem de um problema de calvície com base hormonal. É nestes casos que o medicamento promete revolucionar os tratamentos.

CTT vão emitir bilhetes de identidade e cartas de condução

Os CTT estão em negociações com o Ministério da Justiça, para que alguns serviços administrativos possam vir a ser executados nas estações dos correios.

Assim, a requisição do bilhete de identidade (BI), renovação da carta de condução, autenticidade de documentos, entre outros serviços, vão poder ser tratados nos CTT.

O arranque do projecto depende da assinatura de um contrato entre os CTT e o Ministério da Justiça, projecto esse que consagrará os serviços que o Estado vai disponibilizar.

Convenção Nacional do CDS/PP este fim-de-semana

O Pavilhão das Feiras de Viseu vai ser o palco, este fim-de-semana, da Convenção Nacional do CDS/PP. É uma convenção programática para apresentação de algumas personalidades que regressam ao partido, e de novos militantes. «Uma iniciativa no sentido de mostrar a vitalidade do partido, apresentar o Conselho Social e mostrar a posição na construção europeia», disse ao CAMPEÃO DAS PROVÍNCIAS Ferreira Ramos, presidente da Comissão Política Distrital do CDS/PP.

Perigosos para a saúde e para o ambiente Termómetros de mercúrio proibidos em vários países

Os termómetros de mercúrio estão, desde segunda-feira, proibidos em França. A medida governamental deveu-se ao facto de, quando partem, os termómetros de mercúrio constituem um sério perigo para a saúde e para o ambiente.

A França passou, assim, a seguir as normas já adoptadas, nomeadamente, pela Dinamarca, Suécia, Suíça e Noruega. Para substituir o bom velho termómetro, está a ser recomendada às famílias a compra do sistema de teste frontal com cristais líquidos, indicador de temperatura. Para medir com maior precisão a temperatura (rectal, bucal e nas axilas), termómetros electrónicos de pilha, que apresentam a vantagem de não partirem como o vidro, estão a ser vendidos, em França, nas farmácias, a partir 1.800\$00. O álcool deve ser utilizado para desinfectação, após o uso. Existem modelos adaptados para bebês. Uma outra possibilidade é a medida por

raios infravermelhos da temperatura auricular. Estes termómetros são muito fáceis, mas mais onerosos (de 9 000\$00 a 12 000\$00) e requerem um pouco de saber na sua utilização.

O mercúrio, presente em diversos meios (água, terra, ar) naturalmente ou em razão dos resíduos devidos às actividades humanas, é um produto tóxico. A exposição crónica ao mercúrio produz fadiga, fraqueza muscular, insónia, perda de apetite. A toxicidade dos derivados do mercúrio é sobretudo conhecida depois da catástrofe japonesa de Minamata (entre 1951 e 1973), na qual várias centenas de pessoas foram vítimas de perturbações neurológicas graves, em muitos casos irreversíveis, após terem consumido, regularmente, peixes contaminados.

Dado que o mercúrio é um metal muito poluente, tem vindo a ser substituído por uma

mistura de estanho, galio e índio, substâncias menos poluentes e que não causam qualquer problema de saúde, pelo menos nas quantidades presentes nos termómetros.

Recomendações da DECO

Ainda que o mercúrio, na forma em que se encontra nos termómetros, seja considerado pouco tóxico, pela DECO, esta não deixa de recomendar que se evite o contacto com o mercúrio: "no caso de lhe tocar, lave a zona afectada; tenha cuidado com os objectos de ouro (o mercúrio provoca manchas), recolha os restos de mercúrio (com uma folha de papel)".

Não existe em Portugal uma recolha selectiva de resíduos de contaminações domésticas, ao contrário do que acontece noutros países, como, por exemplo, em Espanha. O que leva a DECO, no *Tente Saúde*, n.º 6, de Fevereiro de 1997 a

comentar: "Por isso, infelizmente, não tem alternativa: ter, mesmo, de deixar os restos de mercúrio para o lixo".

Também no *Tente Saúde* de acima referido, já entrou a DECO considerando fundamental "que as entidades responsáveis, nomeadamente, o Ministério da Saúde e o Ministério do Ambiente, se consciencializem dos perigos que a actual situação acarreta e tomem medidas para a modificar".

A temperatura do silêncio...

Nada parece ter sido feito até ao momento, nem estará nos próximos projectos, segundo nos foi dado saber através dos contactos anteriormente estabelecidos com a Associação Portuguesa de Farmácias e com a INFARMED, tendo esta última requerido a consulta por escrito, a fim de dar uma resposta provavelmente para as calendas gregas...

Televisão: quem te viu e quem te vê

A "quinta parede" já vai nos 42 anos

A 7 de Março de 1957, iniciaram-se as emissões regulares de televisão em Portugal. A preto e branco, uma vez que a cor só chegaria nos anos 70. De início, a televisão mais não foi do que um meio de entretenimento. Hoje, adquiriu um estatuto de meio de comunicação, que nem jornais nem revistas conseguem igualar, em termos de audiência. A imagem e o som mesmo em frente dos nossos olhos ainda são o encanto da "quinta parede", como chamam os brasileiros à televisão.

O período experimental de transmissões de TV, em Portugal, decorreu de 4 a 30 de Setembro de 1956, só não se emitindo programas à quarta-feira, «para descansar do pessoal». Depois, das horas que precederam o arranque, surgiu nos vidros convexas e foscas dos receptores a imagem da primeira sessão televisiva portuguesa! A

primeira transmissão, feita para os frequentadores da Feira Popular de Lisboa, teve como apresentador Raul Feio, ao tempo locutor da Emissora Nacional.

Entretanto, nomes e rostos inusitados fizeram as delícias de quem esperava para ver aparecer na caixaínia - que ainda era de supressa - os programas da época. Muitos ainda se lembram de João Villarer e das suas declamações, do padre Raul Machado com as "Charles Linguísticas", de Maria Helena Varela Santos, "o sorriso mais querido", ou do programa calinário de Maria de Lurdes Moleiro.

Em 1958, só havia 17 569 aparelhos registados. Dez anos mais tarde, o número de televisores andava pelos 400 000. A novidade pegara e levava mesmo muitos portugueses a apanharem o comboio do progresso.

Desde 7 de Março de 1957 até aos nossos dias, as transformações, em questões de horários, programação e formato dos programas, foram enormes. Hoje, desde as 7,30 horas até de madrugada, a televisão pode ser ligada e quer seja um noticiário,

um programa infantil, uma telenovela, quer seja um filme, à televisão está quase em qualquer actividade.

Entretanto, a programação sofreu as alterações próprias a que a evolução dos tempos obrigou, e a televisão deixou de ter apenas um carácter de entretenimento, para passar a ter um carácter informativo.

Por isso, hoje, e muitas vezes em questões de minutos, podemos saber o que se passa no outro lado do mundo. Tudo a uma velocidade alucinante.

A "caixinha mágica" faz 42 anos, no próximo domingo e a RTP oferece das 17,05 às 18 horas, um programa comemorativo do aniversário.



7/3/1957. Notícias às 22 horas, com Arnaldo Pombal (à esquerda) e Gomes Ferreira

João Cravinho no distrito de Aveiro Ministro à defesa e também no ataque

O ministro do Equipamento, Planeamento, e da Administração do Território esteve no Governo Civil de Aveiro, para presidir à assinatura de protocolos entre o Instituto Português de Cartografia e Cadastro (IPCC) e diversos municípios e associações; uma presença que o presidente da Câmara de Aveiro e da Associação de Municípios da Ria aproveitou para lembrar algumas das obras pelas quais os aveirenses há muito que esperam e desejam. O governante lançou recados à Oposição à qual acusou de falta de rigor nas críticas feitas ao seu Ministério. Os processos de adjudicação das obras do IC 1 e da duplicação do IP5, garantiu o ministro, estão a avançar, assim como o acesso ferroviário ao porto de Aveiro.

Paula Ventura



João Cravinho prometeu avanços nas obras de acessibilidades, para o distrito

recuperar o tempo perdido em matéria de acessibilidades, o ministro lembrou que «entre 1991 e 1995 foram construídos 327 quilómetros de auto-estrada, e de 1996 a 1999 foram feitos 500 quilómetros». Por isso, adianta, «não venham dizer que não se fez nada». Cravinho tem consciência do muito que ainda há a fazer, a nível de acessibilidades, tanto na malha fina como na malha principal. Aproveitando a ocasião, o governante anunciou uma alteração ao Plano Rodoviário Nacional, de forma a incluir o prolongamento do IC12 até Mira (o que terá reflexos na circulação da zona sul do distrito), e o lançamento de mais uma concessão a norte, o IC 24, ligando Espinho e a Feira ao vale do Sousa - uma via que vai contribuir para o descongestionamento do Grande Porto. «O país não é parvo», concluiu o ministro do Equipamento que deixou a promessa de um regresso a Aveiro, nessa altura para uma deslocação ao porto.

Cartografia digital

O que trouxe o ministro do Equipamento, Planeamento, e da Administração do Território ao Governo Civil de Aveiro, na passada segunda-feira, foi a sessão de assinatura de seis protocolos, celebrados entre o Instituto Português de Cartografia e Cadastro (IPCC) e as Associações de Municípios da Ria, das regiões Bairrada-Vouga, do Médio Tejo e da Lezíria do Tejo e do Oeste e Câmara Municipal de Guimarães. São acordos que se inserem no âmbito do Programa Procarra e que visam à produção de cartografia topográfica oficial a escalas grandes. Segundo os protocolos estabelecidos, um investimento de cerca de 600 mil contos, o IPCC compromete-se a fornecer apoio técnico aos municípios e suas associações, na preparação dos concursos de seleção dos prestadores de serviço e na avaliação

das propostas, na fiscalização dos trabalhos e no controlo de qualidade dos produtos resultantes. A cartografia a elaborar vai integrar a Série Cartográfica Nacional 10 000, abrangendo um total de 50 municípios; esta é uma série inteiramente nova iniciada pelo IPCC em 1995, e corresponde à última geração de cartografia digital em produção pelos institutos geográficos nacionais dos outros países da União Europeia.

Para João Cravinho, a cartografia digital constitui «uma poderosa alavanca para que os municípios entrem a fundo na sociedade da informação». É importante que todos estejam conscientes da importância deste novos instrumentos e preparados para tirar partido deles. «Ou a sociedade se apropria das tecnologias da informação e as utiliza, ou então, não se está numa sociedade de informação - o actual tónico não está na tecnologia, mas na utilização que a sociedade faz dela».

220 mil contos para cinco autarquias do distrito

Ainda antes de passar no Governo Civil de Aveiro, João Cravinho esteve em São João da Madeira, onde anunciou a entrega de 220 mil contos (1.100 mil euros) a cinco câmaras, para elaboração de projetos para o próximo Quadro Comunitário de Apoio (QCA).

O ministro do Equipamento assinou contratos programa com cinco municí-

pios de entre Douro e Vouga, respeitantes à beneficiação de arruamentos vários e saneamento básico, para libertar meios financeiros das autarquias que lhes permitam elaborar projetos para o próximo QCA, sem, desta forma, comprometer outras realizações municipais.

Arouca, S. João da Madeira, Santa Maria da Feira, Vale de Cambra e Oliveira de Azeméis pertencem a um agrupamento de municípios cujos contrastes foram marcados pelo minifundismo, com peso demográfico e fiscal, forte industrialização, e dinâmica territorial, mas sem infraestruturas básicas.

Áreas como as acessibilidades, o saneamento básico, a formação e o ordenamento industrial deverão ser contempladas em intervenções a financiar pela União Europeia já em 2000, no âmbito de um plano de desenvolvimento integrado, a candidatar ao próximo quadro comunitário.

Segundo João Cravinho, o QCA já está destinado em 94 por cento, enquanto em 1996 verificava uma baixa taxa de execução e no início «havia quem julgasse que não houvesse capacidade para o aproveitar».

Para ter uma boa taxa de execução no primeiro ano, o ministro quer antecipar alguns passos: para o caso do Plano de Desenvolvimento Regional ser aprovado em Bruxelas, em Junho, Cravinho quer ter obras em pagamento no mês de Janeiro de 2000, dispondo-se a lançar projetos elegíveis ainda em 1999.



RESTAURANTE Abílio Marques

(Abílio dos Frangos)

CASAMENTOS BAPTIZADOS FESTAS E.T.C.	Frango de Churrasco Leitão à Bairrada Arroz malandro
--	--

BONSUCESSO - ARADAS - 3810 AVEIRO - TELEF. 23457 - FAX 381412

Embora reconheça a necessidade de

AIDA debate Agenda 2000 e alargamento da União Europeia

"O alargamento da União Europeia, vantagens e desvantagens para o tecido empresarial" e a "Agenda 2000, que desafios para Portugal" são os dois temas que estão amanhã, em debate, durante um jantar promovido pela Associação Industrial do Distrito de Aveiro (AIDA). Vão participar neste encontro os secretários de Estado da Indústria, Energia e do Assuntos Europeus. Sendo a AIDA, esta constitui uma oportunidade única para as empresas recolherem opiniões que permitam planejar as suas regiões empresariais, sem as quais poderão em causa a sua própria sobrevivência.

A União Europeia defende um dos maiores desafios da sua história: o alargamento, para Leste, a países que, há várias décadas, não tinham sido membros do sistema de economia de mercado e cuja riqueza média ronda cerca de um terço da União Europeia, ou seja, pouco mais de metade do que Portugal tinha, quando aderiu, em 1986. Portugal é de um países que serão, inevitavelmente, penalizados com este alargamento. Nesse sentido, a AIDA pretende, com o debate, questionar que estratégias de desenvolvimento o Estado português pretende adoptar face aos novos desafios do alargamento e conhecer as alternativas e estratégias que irão ser implementadas pelo Governo, de modo a evitar, mais uma vez, o colapso das empresas portuguesas.

O jantar está agendado para às 19,30 horas, no Hotel Imperial.

Centro Social de Santa Joana investe em novo equipamento

O Centro Social de Santa Joana Princesa vai ter novas instalações. Trata-se de um novo complexo de assistência social que vai incluir um novo edifício para centro de dia, oficinas protegidas, um pavilhão polivalente, dois tanques piscinas e um campo de jogos. O projecto está em fase de elaboração e, segundo Zacarias Andias, presidente da Direcção do Centro Social, já se iniciaram os contactos com vista à obtenção de apoios financeiros, junto da Câmara Municipal de Aveiro e do secretário de Estado da Segurança Social.

O novo complexo, que será construído nas traseiras das actuais instalações do Centro, num terreno que já foi propriedade da empresa Telavário e que entretanto foi adquirido pelo Centro Social de Santa Joana Princesa, terá capacidade para cerca de 40 pessoas e incluirá as valências de centro de dia e apoio domiciliário a idosos. As piscinas destinam-se à aprendizagem de natação, para as crianças, e à reabilitação física dos mais velhos. Quanto a verbas, Zacarias Andias prefere não avançar, para já, números concretos.

Actualmente, o Centro Social de Santa Joana Princesa presta apoio a cerca de 250 crianças, mas inclui, também, um pequeno espaço para centro de dia frequentado por uma dezena de idosos.

Clube de Vela da Costa Nova vai reconstruir uma "Ílhava"

O Clube de Vela da Costa Nova (CVCN) vai promover a reconstrução de uma "Ílhava", uma das embarcações mais antigas da Ria de Aveiro e que terá estado na origem do típico barco moliceiro. Nesta altura, e após uma alargada fase de estudo e pesquisa, está já elaborado o projecto de reconstrução, mas o presidente da Direcção do CVCN faz questão de dizer que "toda a ajuda e todas as informações são bem-vindas, até porque o material existente sobre a "Ílhava" é escasso.

O esteleiro vai ser montado nas próprias instalações do CVCN, de forma a que todos os interessados possam acompanhar o processo de reconstrução, orçao em cerca de três mil contos. Senos da Fousca chama a atenção para a importância desta iniciativa uma vez que "nem no Museu Marítimo de Ílhava nem no Museu da Marinha existe qualquer tipo de informação ou modelo desta embarcação; à custa de muito trabalho, temos já o figurino da "Ílhava" elaborado em computadores. A Direcção do clube espera arrancar com este projecto já no próximo mês de Abril. A "Ílhava" deverá estar concluída durante o verão e começará, de imediato, a deslizar na Ria. Esta embarcação será utilizada para fazer mas também para instrução de vela: todos os interessados, independentemente de serem ou não sócios, podem passar na "Ílhava" e, simultaneamente, aprender a velejar.

Mas os projectos do CVCN para esta embarcação não ficam por aqui. "A nossa ideia é que a "Ílhava" participe também numa grande iniciativa, que estamos a preparar para a passagem de milénio. Senos da Fousca quer organizar um grandioso desfile náutico nocturno, com todas as embarcações da Ria de Aveiro, uma organização inédita em Portugal. "Vi uma iniciativa semelhante em França e fiquei de tal forma impressionado, que nunca mais desisti da ideia de levar em frente um espectáculo deste

gênero, na Costa Nova, até porque temos todas as condições para o fazer.

O desfile seria, de resto, apenas uma das componentes do espectáculo; o clube tem um plano que prevê a concentração de uma série de actividades culturais e desportivas ininterruptas desde o dia 30 de Dezembro a 1 de Janeiro de 2000. O programa foi já apresentado à Câmara Municipal de Ílhava, de quem aguardam ainda uma resposta. O apoio da autarquia seria, com certeza, bem-vindo, mas Senos da Fousca garante que "não é condição imprescindível para a realização de uma grande festa na Costa Nova; senão conseguimos fazer tudo o que está previsto, fazemos mesmo."

Vela para todos

Possibilitar a prática da vela a todos os jovens, independentemente da sua condição financeira, é um dos grandes objectivos da actual direcção do CVCN. Muito brevemente, o clube lançará uma campanha direccionada aos filhos dos pescadores da Costa Nova, jovens que, naturalmente, terão aptidão para este tipo de desportos náuticos mas a quem nunca foi dada a oportunidade de os praticar. "Infelizmente, estas modalidades são ainda bastante "elitistas", na medida em que uma embarcação de recreio não está, certamente, ao alcance da bolsa de qualquer um.

Por isso, o CVCN vai disponibilizar todo o tipo de equipamento e de embarcações, gratuitamente, para que os jovens dos bairros piscatórios da Costa Nova possam aprender a velejar. O programa foi já apresentado à Câmara Municipal de Ílhava, Junta de Freguesia e paróquia locais, a quem foi solicitada, acima de tudo, a divulgação deste projecto; "Se as entidades locais quiserem apoiar a ideia, muito bem, serão, avançamos com os nossos meios, conclui Senos da Fousca

Agenda

(de 5 a 10 de Março)

5 - Seminário "A metodologia Bootstrap - Aplicação na estimação do índice da couda", por Maria Manuela Figueiredo, professora associada do Departamento de Matemática da Universidade de Aveiro (UA) e do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa. O evento tem lugar pelas 16 horas, na sala de conferência (2º piso), do Departamento de Matemática da UA.

Concerto/palestra no salão dos Bombeiros Voluntários de Anadia, com a presença do maestro António Vitorino de Almeida. A iniciativa realiza-se pelas 22 horas e conta com a participação especial da Associação dos Amigos da Música de Anadia.

Assembleia Municipal de Ílhava, pelas 17 horas.

Recital de violoncelo e piano, por Armando Neves e Jorge Ly. O evento realiza-se às 21,30, no Conservatório de Música de Aveiro.

Inauguração da exposição de esculturas em mármore de Maria Ferreira e Pedro Marques. A mostra estará patente até ao dia 20, na Galeria Municipal de Arte, em Ílhava.

Segundo e último dia da acção de formação "VII Encontro para a Educação Pré-Escolar", destinada a educadores da rede pública e privada, sócios e não-sócios do Sindicato de Professores da Região Centro. A iniciativa, que se realiza no anfiteatro do Departamento de Engenharia Mecânica da Universidade de Aveiro, tem início pelas 9,30, estando o encerramento marcado para as 17 horas.

6 - Inauguração da exposição de pintura de Pedro Lagarto. A mostra estará patente no Centro Recreativo de Estarreja, até ao próximo dia 21.

Inauguração da exposição de pintura de Carlos MOBF. A mostra pode ser visitada no salão nobre da Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, até ao dia 20.

Entrega do navio geofísico "GeoBay", junto ao Cais Comercial S de Aveiro, pelas 17 horas. A cerimónia conta com a presença das administrações dos estaleiros de S. Jacinto e da Geoshopping e será presidida pelo ministro da Economia, Pina Moura.

Eleição da nova comissão directiva do Núcleo de Aveiro da Liga dos Combatentes, às 15 horas.

7 - Possessão de manutenção da Associação de Ciclistas de Aveiro, entre Oliveira de Azeméis/Albergaria-a-Velha/Oliveira de Azeméis. A paróquia será efectuada pelas 9,30 junto à sede da associação, situada na Avenida Ferreira de Castro (Edifício Varandas de Azeméis), em Oliveira de Azeméis.

Jogos das oitavas de final da Taça de Portugal. O Beira Mar recebe em casa o União de Leiria.

Assembleia Nacional do PCP de Aveiro, para eleger nova direcção, com a presença do secretário-geral do partido, Carlos Carvalhos. Dia Nacional da Criança.

8 - Tem início as inscrições para a primeira fase dos exames de 12º ano, que decorrem até ao dia 19 do corrente mês, havendo ainda um prazo suplementar, entre 12 e 16 de Abril.

Dia Internacional da Mulher. As comemorações decorrem durante todo o mês.

Conversa com Alice Vieira

A escritora Alice Vieira esteve, antecorrem na Biblioteca Municipal de Aveiro para uma conversa com alunos do 2º Ciclo do Ensino Básico de algumas escolas do concelho, que participaram na segunda edição das Olimpíadas de Leitura, promovido pela Fundação Circular de Leitores e organizado pela Biblioteca, em colaboração com o Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, no âmbito do Programa Nacional de Promoção da Leitura. Alice Vieira respondeu às questões propostas pelos alunos. Perguntas sobre a mãe, a esposa, a escritora, e a ex-colmatária animaram a conversa. A escritora nasceu em 1943, em Lisboa e licenciou-se em Germanística pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Em 1958, iniciou a sua colaboração no suplemento juvenil do Diário de Lisboa e a partir de 1969 dedicou-se ao jornalismo profissional. "Aquilo que eu queria ser quando era pequena? Jornalista. Nunca me passou pela cabeça que um dia viria a ser escritora", respondeu Alice Vieira a uma das crianças.



No n.º 43 da Rua de Espinho está, em funcionamento, desde Dezembro de 1997, a Cozinha Social das "Florinhas do Vouga". Ali, por 200\$000 cada refeição, as pessoas necessitadas podem almoçar e jantar, todos os dias do ano. A ementa é pouco variada, porque a Cozinha Social, também tem as suas dificuldades. Uma senha dá direito a uma sopa, a um prato principal de carne ou de peixe, a um pão e água. Fruta ou doce, à sobremesa, depende do que seja possível arranjar. Quem quiser beber um sumo paga mais 1\$500, e por um café, 5\$500. Não são servidas bebidas alcoólicas e é proibido fumar. Não é o suficiente, mas já constitui alguma coisa.

Cozinha Social das "Florinhas" é o pão nosso de cada dia



As cozinheiras da Cozinha Social

um prato de sopa. Apoiada pela Segurança Social, e com os 200500 de cada refeição - que nem toda a gente pode pagar - a Cozinha Social sobrevive com algumas dificuldades.

Fátima Mendes, assistente social e coordenadora das Florinhas do Vouga diz que os utentes da Cozinha Social são pessoas que vivem com dificuldades, algumas encaminhadas pela Caritas, sem abrigo e pessoas que beneficiam do Rendimento Mínimo Garantido. «Muitas pessoas, à primeira vista, podem parecer não ter grandes dificuldades. No entanto, muitas aproveitam aquele bocadinho do almoço para terem alguma companhia e isto acontece com muitos idosos que se sentem sozinhos. A pobreza não é só económica. A solidão é muito triste».

Também muitas crianças da escola aproveitam a Cozinha Social para fazerem as suas refeições. «Muitos pais trabalham e, como o ATL não tem capacidade para servir muitos almoços, algumas comem na Cozinha Social».

Por enquanto, ainda não se verificou a necessidade de utilizar qualquer tipo de identificação, para se almoçar ou jantar na Cozinha Social. «No dia em que deixarmos de dar resposta a quem realmente precisa, por serem tantas as pessoas a recorrer à Cozinha Social, pensamos numa forma de resolver a situação. Até ao momento, ainda não houve necessidade de tomar nenhuma medida nesse sentido», explicou Fátima Mendes.

Falta de espaço, mas não de ideias

Uma iniciativa deste género tem, naturalmente, os seus custos. É preciso pagar a luz, a água, o gás, o salário das empregadas e comprar os géneros alimentícios. «O subsídio da Segurança Social é capaz de dar para pagar aos empregados». No entanto, as pessoas envolvidas neste projecto sentem-se satisfeitas com os resultados. Como explica Fátima Mendes, «em Aveiro não existia nada que desse resposta à necessidade de dar de comer a um passageiro ou a um sem-abrigo, pelo que os teríamos que encaminhar

para restaurantes ou pensões. Contudo, a Cozinha Social não chega. Era muito importante que tivéssemos, também, possibilidade de dar tratamento de roupas e um espaço onde um sem-abrigo e mudar de roupa. Mas não temos espaço. A existência de um centro que permitisse às pessoas tomar um banho, mudar de roupa antes de fazer uma re-

feição é mesmo muito importante, mas isso ainda não foi possível... Mesmo a Cozinha Social deveria ser um pouco maior. O que conseguimos já é muito bom, mas gostaríamos de fazer mais e melhor. A Cozinha Social é um espaço onde reina a boa disposição, mesmo quando Maria Helena, uma das cozinheiras, sente necessidade de impor algum respeito. «As vezes é preciso pôr um ou outro na ordem, pois é preciso que haja respeito. Há pessoas que vêm um bocadinho tocadas... Coisas sem grande importância, que se resolvem aqui sem complicações. Mas há os difíceis...» Maria Helena e Maria Madalena, as duas cozinheiras da Cozinha Social, reconhecem exercer um trabalho muito vilado. Difícil, com certeza, mas muito importante, principalmente se nos lembramos que a Cozinha Social não fecha um único dia por ano e é o único espaço deste género, em Aveiro.

Para que este projecto continue e para que sejam melhoradas as ementas - duas que são alternadas -, Fátima Mendes apelou: «Quem tiver possibilidade colabore com géneros alimentares. Não é muito fácil manter uma casa deste tipo e gostaríamos de melhorar...»

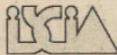
O João Tiago tem 10 anos, quer ser bombeiro «para salvar as pessoas», e, à semelhança de outras crianças, almoça na Cozinha Social. «Como todos os dias aqui, menos naqueles em que a minha mãe está de folga». Também a Liliana Isabel, a Ana Maria e tantas outras crianças fazem, pelo menos, uma refeição na Cozinha Social. Nenhuma pôs defeitos à comida que lhes é servida, que até dizem ser muito boa.

João Manuel tem 46 anos e é, também, um utente assíduo da Cozinha Social: «Não tenho possibilidades de comer noutra sítio e a Caritas paga-me aqui as minhas refeições. Por isso, venho quase todos os dias. Estou desempregado e não tenho ninguém que me possa ajudar». João Manuel afirma não se sentir triste por ter que se socorrer da caridade, para se alimentar, e acha que «a comida é razoável. Mas há muitas pessoas que não têm dificuldades e que vêm cá comer...»

De vez em quando, «sempre que me falta o dinheiro», também Francisco Ramos de 32 anos, vai fazer as suas refeições à Cozinha Social. «A comida é boa e barata». Para economizar e porque não pode fazer as suas refeições em restaurantes, Carlos Almeida, de 32 anos, plastificador de documentos, almoça e janta na Cozinha Social.

Também alimento para a solidão

No dia 2 de Dezembro de 1997, a Cozinha Social abriu as suas portas. Mais uma das valências da instituição particular de solidariedade social "Florinhas do Vouga" que, em cooperação com a Segurança Social, serve, em média, 100 refeições por dia (almoços e jantares). Frequentada por muitas pessoas que moram na Urbanização de Santiago, mas não exclusivamente, porque a ninguém será recusada uma refeição, esta valência das "Florinhas do Vouga" foi a concretização de um dos sonhos do monsenhor João Gaspar que sempre desejou para a cidade de Aveiro um espaço como este. Assim, todos os passageiros ou sem-abrigo podem, pelo menos, comer



Instituto Superior de Ciências da Informação e da Administração
Rooftop pela Portaria 93/90 ME DL. nº 231 1.ª Série 90/1070.

LICENCIATURAS

EM

COMÉRCIO INTERNACIONAL

COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EM NOVAS INSTALAÇÕES
A PARTIR
DESTE ANO LECTIVO



FEDRAVE

Fundação para o Estudo e Desenvolvimento para a Região de Aveiro

Apurada 292 P-3811 - Aveiro Codes - Tel. (+351)34 23045 - Fax (+351)34 381406

URL: <http://www.fedrave.pt/ieica>

e-mail: ieica@www.fedrave.pt

Inscrições para exames 12º ano

As inscrições para a primeira fase dos exames de 12º ano iniciam-se na próxima segunda-feira e decorrem até ao dia 19 do corrente mês, havendo ainda um prazo suplementar, entre 12 e 16 de Abril. Esta fase é composta por duas chamadas, sendo que a primeira, se realiza de 17 de Junho a 6 de Julho, e a segunda, de 15 a 23 de Julho.

As pautas com as classificações serão afixadas dia 19 de Junho (primeira chamada) e a 3 de Agosto (segunda chamada).

Os interessados em realizarem os exames apenas na segunda fase (Setembro), deverão efectuar a sua inscrição entre 19 e 30 de Julho. Nesta fase, haverá uma chamada única, que decorre de 2 a 14 de Setembro.

Para além dos exames nacionais de 12º ano, estão já agendados os exames das disciplinas dos 2º e 3º ciclos do ensino básico — realizam-se de 2 a 12 de Julho — e dos cursos gerais técnicos nocturnos, que decorrem de 2 a 12 de Julho (primeira fase) e a 10 de Setembro (segunda fase).

Seminário sobre Bootstrap na UA

"A Metodologia Bootstrap — Aplicação na estimação do índice de cauda" é o tema de um seminário que terá lugar amanhã, pelas 16 horas, na sala de conferências (2º piso), no Departamento de Matemática da Universidade de Aveiro (UA).

O seminário será orientado por Maria Manuela Neves Figueiredo, professora associada do Departamento de Matemática da UA e do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa.

Retiro para ministros da comunhão

O santuário de Schoenstat, na Colónia Agrícola de Vagos, recebe, este domingo, o retiro para ministros extraordinários da comunhão. A iniciativa, orientada pelo padre Pedro José, tem início pelas 10 horas, estando o fim marcado para as 17 horas.

O Secretariado Diocesano da Pastoral Litúrgica pede aos disponíveis para participar na iniciativa e trazerem, tratando-se do tempo quaresmal, um almoço frugal.

Entretanto, o bispo procedeu, na Sé de Aveiro, à nomeação de mais de meia centena de novos ministros extraordinários da comunhão, para serviço nas comunidades paroquiais, após terem realizado o respectivo curso de formação.

Centro de Congressos "envenenado"

O Centro Cultural e de Congressos de Aveiro tem presente, até ao dia 11 de Abril, a I Exposição Internacional de Seres Venenosos.

Realizada no âmbito das comemorações do I Centenário da Imunoterapia Antivenenosa, a mostra "Veneno Gota a Gota" é composta por animais vivos e complementada por maquetes gigantes, fotografias, gráficos e um vídeo documental, que têm por objectivo explicar ao público a função do veneno nestes seres vivos e as diferentes aplicações do mesmo na cura de certas doenças.

Centro de Informação ao Consumidor muda de instalações

O Centro de Informação ao Consumidor de Aveiro (CIAC) vai mudar as suas instalações para a Rua dos Combatentes da Grande Guerra. O edifício, onde passará a funcionar aquele serviço municipal, pertence à Direcção-Geral de Florestas, tendo sido cedido provisoriamente à autarquia pela respectiva Direcção Regional.

A mudança de instalações do CIAC, que tem funcionamento no edifício do Turismo, frente à Câmara Municipal de Aveiro, deve-se à preparação do imóvel para receber os vários serviços camarários, incluindo a presidência, que ali vão funcionar a título transitório, enquanto decorrem as obras de recuperação dos Paços do Concelho.

Linha do Vouga amputada vai encerrar mais um ramal

O futuro da linha do Vouga já está traçado, e é negro. É, pelo menos, essa a convicção da Associação de Entusiastas do Caminho de Ferro de Aveiro que já perdeu as esperanças de uma possível reavaliação na política que tem vindo a ser desenvolvida pela CP. Apesar da decisão ainda não ter sido anunciada oficialmente, o presidente da Associação está certo de que já foi decidido encerrar o troço entre Sernada e Oliveira de Azeméis, salvaguardando-se apenas uma boa oportunidade política para o anunciar publicamente. É convicção de Carlos da Fonseca que a CP e a Refer já terão deliberado: «Embora ninguém o queira admitir, sabemos da existência de documentos que apontam, inequivocamente, para essa decisão, tanto a nível da CP como do Ministério do Equipamento».

Os argumentos apresentados pela CP justificam o diagnóstico que leva ao encerramento, mas não convence os defensores da linha do Vouga. Se é certo que a actual situação é precária, também é certo que «nos últimos tempos não se investiu um único tostão naquele troço, tudo está como há trinta anos atrás: os horários nunca foram alterados e, ultimamente, nem as passagens-de-nível estão guardadas», o que resulta num cenário que caricato. Ao chegar a uma passagem-de-nível, a automotora para e um funcionário sai do comboio para fechar a cancela tomando

a entrar mais adiante, o que obriga a nova paragem da circulação. É evidente que, perante situações deste género, o futuro da linha do Vouga não será auspicioso.

Com o encerramento deste troço, entre Sernada e Oliveira de Azeméis, a linha fica amputada em cerca de 30 quilómetros; restam o ramal de Aveiro — entre Aveiro e Sernada —, e o ramal de Espinho — entre Espinho e Oliveira de Azeméis. Mas Carlos Fonseca não tem dúvidas, «da maneira como as coisas estão, dentro de meia dúzia de anos também estes troços serão também encerrados».

Perante esta situação, a Associação de Entusiastas do Caminho de Ferro de Aveiro vê-se de mãos e pés atados. «É como uma luta entre David e Golias, só que, nesta história, o Golias vai, com certeza, ganhar», lamenta Carlos Fonseca, que não percebe como é possível que, em Lisboa, algumas pessoas decidam relativamente a questões sobre as quais «nada percebem». Quem fica a perder é a região, à qual acaba por ser retirado mais um meio de comunicação. Enquanto que, um pouco por toda a Europa, se vem lutando pela preservação dos caminhos de ferro, em Portugal, o percurso é, infelizmente, o inverso.

Entretanto, um grupo de britânicos está a organizar um passeio pela linha do Vouga, em comboio a vapor, o que deverá acontecer lá para o final deste mês.

SMA apresentaram novos autocarros mais funcionais e com novo visual

Os Serviços Municipalizados de Aveiro (SMA) já apresentaram, publicamente, os novos autocarros dos Serviços de Transportes Urbanos de Aveiro (STUA): são quatro veículos que, para além de um novo visual, são mais funcionais, já que dispõem de piso rebaixado, sem degraus, e espaço reservado para cadeiras de rodas e carrinhos de bebé. Este é, de resto, o primeiro passo para o anunciado processo de modernização da frota de autocarros dos SMA cujo principal objectivo é o de atrair cada vez mais passageiros para os transportes públicos. As novas viaturas, um investimento orçado em cerca de 100 mil contos, são mais cómodas e permitem um aumento da velocidade média de circulação dos transportes colectivos. Com capacidade para 85 passageiros, os autocarros Volvo B10L estão preparados para utilização de gás natural. Fazer com que os aviésense optem, cada vez mais, pelos transportes públicos é o grande desafio da Câmara Municipal de Aveiro que tem em mãos um projecto para a criação de parques de estacionamento periféricos, em sistema de "park and ride": os automobilistas estacionam os carros e deslocam-se até ao cen-

tro da cidade em mini autocarros. Por outro lado, uma série de melhorias e inovações serão introduzidas através do projecto Aveiro Cidade Digital, o que vai permitir aos STUA a prestação de um serviço mais eficiente e atractivo.



Os novos autocarros vão começar a circular brevemente

Junta de Esqueira promove Jogos Florais 1999

A Junta de Freguesia de Esqueira vai organizar os Jogos Florais 99, uma iniciativa que decorrerá por altura das Esqueiradas Manuequinas e Presidência Aberta, na segunda semana de Junho. Descobrir talentos desconhecidos e despertar nas pessoas e nos jovens, em particular, a vocação poética, o sentido estético das palavras e as razões da nossa terra, são os principais objectivos da Junta de Freguesia que define estes Jogos Florais como «um hino ao belo», «um

ensajo para outras realizações, em favor da formação cultural dos seus jovens».

A Junta será responsável pela organização e coordenação desta iniciativa para a qual solicitou o apoio à Câmara Municipal de Aveiro, Governo Civil e Rota da Luz. Podem participar, nesta primeira edição dos "Jogos Florais Esqueira 1999", todos os jovens até aos 19 anos de idade, que sejam naturais ou residam na freguesia de Esqueira, ou que frequentem uma das es-

colas da freguesia. O concurso prevê as modalidades de "quadra popular", "pequeno ensaio sobre o tema da quadra" e "narrativa histórica". Cada concorrente poderá enviar para concurso, até três trabalhos de cada uma das modalidades.

Os Jogos Florais têm origem na mitologia Greco-Romana. Flores, deuses latinos das flores, foi mulher de Zéfiro, nome do deus do vento do Oeste — vento brando. Em Roma, realizavam-se, em sua honra, em

Abril, as Florilidas. Os participantes corriam de noite e dia ao som das trombetas e os que alcançavam o prémio da coroa eram coroados de flores. A deusa era representada com grinaldas, sendo, junto de si, estes cheiros de flores.

No Olimpo, morava Zéfiro e sua esposa Flora, que serviram de inspiração para os Jogos Florais de outras civilizações. Ovídio, poeta romano, foi um dos que mais divulgaram os jogos florais.

Regulamentação da majoeira "Projecto do Governo é irrealista" - dizem pescadores de Esmoriz

Os representantes do Sindicato dos Trabalhadores da Pesca do Norte (STPN) ficaram desiludidos com o projecto do Governo para a regulamentação da majoeira. Segundo António Macedo, dirigente do STPN, o documento apresentado aos pescadores «está desfasado da realidade»; de tal forma, que os pescadores chegaram mesmo a admitir que «para regulamentar da forma como está previsto neste projecto, mais vale não regulamentar nada».

Embora reconheça que este documento «é um primeiro passo», António Macedo não desistiu de considerar «irrealista» por duas razões: «Pescar como apenas uma rede é a mesma coisa que ficar em casa o número de licenças por capitania está completamente desligado da realidade e não contemplamos o argumento técnico que estipula um comprimento máximo de redes em oito metros quando as que são,



Antero Gaspar: «Existe vontade política para resolver esta questão»

normalmente, utilizadas têm dez metros». Refira-se que o projecto do secretário de Estado das Pescas fixa em 20 o número máximo de licenças para operar; «o mesmo para quem faz parte de companhias de xarvega. Quanto à malhagem das redes, os pescadores consideram com a proposta apresentada, que será a utilização de malhagem mínima no limite de 110 milímetros e de malhagem mínima nas alvarás de 500 milímetros».

O STPN vai agora ana-

lisar, em detalhe, o projecto do Governo para, dentro de 15 dias, apresentar algumas alterações e contra-propostas. De seguida, será marcada uma nova reunião com os técnicos da Direcção-Geral das Pescas e os pescadores.

Do governador civil de Aveiro os pescadores recebem a garantia de que «existe vontade política para resolver esta questão», pelo que António Macedo não tem, por enquanto, qualquer razão que o leve a dividir de uma possibilidade

de acordo. Antero Gaspar realizou o facto do Governo ter cumprido o que foi previamente combinado com os pescadores, ou seja, «no prazo de uma semana foram, efectivamente, apresentadas as linhas de orientação para a portaria regulamentadora da majoeira»; o governador está certo de que «vamos, com certeza, seguir a sugestão do representante dos pescadores no sentido de se realizarem as reuniões técnicas necessárias aos devidos reajustamentos».

Arouca

Comércio tradicional recebe incentivos

O secretário de Estado do Comércio, Osvaldo de Castro, presidiu, antontem, à cerimónia de apresentação pública do Estudo de Urbanismo Comercial do Município de Arouca.

No decorrer da cerimónia, Osvaldo Castro fez referência a um estudo que prova estar o comércio tradicional a ser, novamente, muito procurado, concorrendo, assim, com as grandes superfícies.

Segundo explicou ao CAMPEÃO DAS PROVÍNCIAS, José Amorim, presidente da Associação Empresarial do Concelho de Arouca, «o Projecto Especial de Urbanismo Comercial da Zona Histórica de Arouca procura animar um pouco a parte histórica da cidade. É um reboço para que o pequeno comerciante se sinta incentivado a desenvolver um pouco mais os negócios».

Ainda que Arouca não

se sinta afectada pelas grandes superfícies, visto que a mais próxima está a pelo menos 50 km, «é preciso renovar os espaços, pois muitos estão ultrapassados e é sempre bom dar uma lufada de ar fresco à cidade», disse, ainda, José Amorim.

Fêto o estudo para averiguar das necessidades dos comerciantes de Arouca, o Estado disponibilizou, para que o projecto vá por diante um milhão de contos; 700 mil contos para o comércio tradicional; 250 mil contos para a Câmara de Arouca e 50 mil para a Associação Empresarial do Concelho.

Ao Projecto Especial de Urbanismo candidataram-se 102 comerciantes. «A partir de agora, são os próprios que têm que perceber quais as suas dificuldades e gerir, o melhor possí-

vel, a sua parte no bolo.» Os comerciantes da zona de intervenção têm 120 dias para apresentar candidaturas dos projectos Individuais na Associação Empresarial.

A concretização do projecto «assume grande importância para o desenvolvimento da comercial de Arouca, dotando o seu Centro Histórico de uma nova imagem, mais viva, atraiante e digna, através de intervenções públicas e privadas, que respeitem e preservem o espaço público, os edifícios e os lugares de interesse arquitectónico e comercial, promovendo, simultaneamente, as actividades tradicionais e respeitando toda a realidade monumental existente», concluiu o presidente da Associação Empresarial do Concelho de Arouca.

Ilhavo

Deliberações camarárias

A Câmara Municipal de Ilhavo deliberou abrir concurso público para a elaboração do Plano de Portmoro da Zona Envolvente da Bruxa, Gafanha da Encarnação, que tem como objectivo fundamental a valorização de uma das zonas ribeirinhas do concelho de Ilhavo e da ria de Aveiro.

No Plano de Alinhamentos e Cércas das Lebrês (Gafanha da Nazaré) foram aprovadas alterações pontuais, com a fim de proporcionar à Escola Secundária e ao Pavilhão Desportivo um melhor enquadramento e espaços de estacionamento de automóvel.

A Câmara deliberou, ainda: a adjudicação à firma Constrói da empreitada de «recuperação da Casa Gafanha»; a adjudicação à firma Urbiplantecl da empreitada de «pavimentação de passeios no concelho». Foram também ratificados os contratos das seguintes empreitadas de saneamento básico: Interceptor Gar de Ilhavo II e Redes de Águas Residuais e Pluviais da Gafanha da Nazaré 1ª, fne.

Ao Jardim de Infância da Cale da Vila foi atribuído um subsídio de 80 000\$00, para ajuda na aquisição de material didáctico, e 40 000\$00 ao Jardim de Infância da Gafanha do Carmo, para compensação na compra de mobiliário.

Para o Clube de Minigolfe da Costa Nova, 70 000\$00, sob a forma de publicidade para o II Torneio de Minigolfe Palheiros da Costa Nova, a realizar no próximo fim-de-semana.



Concurso da Marcha Sanjoanina

Termina no próximo dia 12 o prazo de entrega dos trabalhos concorrentes ao Concurso da Marcha Sanjoanina, uma iniciativa da Câmara Municipal de Ilhavo.

À composição vencedora deste concurso será atribuído um prémio no valor de 500 000\$00.

O concurso está aberto a todos os compositores e autores do concelho de Ilhavo.

«O mar» é tema obrigatório da letra das composições, as quais não poderão conter, para além do pseudónimo, quaisquer indicações que identifiquem os seus autores, bem como não poderão ultrapassar os 5 minutos de duração (a partitura). Apenas são aceites as candidaturas que sejam entregues em subscrito devidamente fechado e contendo: partitura para piano e canto, pauta para canto em separado, letra em separado e suporte magnético da marcha.

Mais informações poderão ser obtidas pelo telefone 034-325060, ou através do vereador da Animação e Divulgação Cultural da Câmara Municipal de Ilhavo, Avenida 25 de Abril, 3830 Ilhavo.



Do alto do Carmo

Os foguetes e as canas

Vitor Sequeira



Do recente Congresso do PSD, para além do que foi a sua substância e que não me proponho tratar aqui e agora, resulta um facto político evidente, que foi a reacção do Partido - "a posteriori" de toda a restante Oposição - à série de entrevistas televisivas feitas pelo dr. Mário Soares a umas tantas personalidades mundiais.

A transmissão de tais entrevistas, em período declarado de pré-campanha eleitoral para as eleições europeias, protagonizadas pelo dr. Mário Soares, que é candidato partidário assumido a essas eleições, desencadeou esse facto político.

É digo candidato partidário assumido, porque ele é candidato pelo PS, apresentado pelo PS no seu congresso e não seria, obviamente, candidato por outro partido.

Mas, relativamente à reacção da Oposição e no que concerne a este aspecto e só neste, porque o resto dava para outro artigo, não deixa de lhe reconhecer algum razão, quando pretendia suspender a exibição de tal programa, nesta altura. Não tanto pelas entrevistas em si, convenhamos.

Está por demais demonstrado que as entrevistas políticas não conquistam grande audiência e, quando alguém tem pachorra para as ver, dificilmente aguenta a longa espera das altas horas da noite, ainda por cima quando se trata de personalidades estrangeiras, que só dizem alguma coisa a uns poucos intelectuais da política que existem em Portugal.

Não se pode, porém, esquecer, que a visibilidade que elas dão ao dr. Mário Soares, apesar daquela limitação, são, apesar de tudo, um favor que a televisão pública lhe presta e, por inerência, à candidatura do Partido Socialista.

Não tenho sobre isto a mínima dúvida e convivia que aqueles que pen-

sam o contrário congeniassem a possibilidade da dr.ª Leonor Beleza estar colocada na mesma situação que agora é dada de bandeja ao dr. Mário Soares, para ver se gostavam da hipótese.

Apesar disso, julgo que a Oposição fez mais pelo projecto da figura do dr. Mário Soares com a sua reacção, do que o próprio programa em si.

O empacotamento que foi dado à questão redundou, a meu ver, em manifesto prejuízo dessa mesma Oposição. Teria sido mais eficaz desmerecer o programa, deixá-lo passar despercebido como seria o seu destino e guardar para o seu final, uma reacção contida, porventura mais eficaz e mais produtiva.

Onde eu acho que a Oposição devia ter pegado e não pegou e porque estamos numa televisão pública, sublinhe-se, é o convite ao dr. Mário Soares para fazer essas entrevistas.

Não haverá jornalistas lá na casa, com garbato para o fazerem?

Não seria mais barato à RTP fazer essas entrevistas com a "prata da casa"?

Volto a sublinhar que estamos a analisar uma situação ocorrida numa televisão pública e que, por óbvias razões, a meu comentário seria diferente, se o problema ocorresse numa estação privada.

Não que a televisão pública, por ser pública, tenha de ser miserabilista, mas porque, sendo pública, tem o dever de ser e de parecer isenta - e sublinho o parecer.

É que, deste modo e neste caso concreto, evitaria que se pensasse que a RTP, paga por todos os portugueses, está a financiar escarposamente a Fundação Mário Soares, coisa que manifestamente não compete à televisão do Estado.

Todos nos lembramos com certeza, de alguns comentários ácidos de alguns, quando o senhor Gorbachev começou a cobrar dinheiro por algumas intervenções públicas que fazia, depois de ter sido afastado do poder na Rússia. Alguns disseram que se tinha convertido às delícias do capitalismo e lamentaram a usurpação de funções.

Será que pensam o mesmo, agora?

Sinais "graves" de racismo

Análises & factos

O relatório enviado por Portugal ao Comité para a Eliminação da Discriminação Racial admite que as atitudes de intolerância constatadas no período analisado - desde meados dos anos 80 - são suficientemente graves para merecerem uma atenção firme.

No entanto, no relatório de 80 páginas, divulgado sexta-feira em Genebra, o Governo português afirma que, comparativamente a outros países europeus, Portugal conhece "relativamente poucos" fenómenos de discriminação e xenofobia.

O relatório permite destacar a preocupação do Governo face à situação da minoria cigara e de emigrantes provenientes dos países lusófonos, referindo no entanto também o aparecimento de novas situações, nomeadamente as referentes a pedidas de asilo. O relatório é um instrumento consolidado dos documentos periódicos apresentados em 1991, 1993, 1995 e 1997.

Apesar de referir o regime facultativo de nomear estatisticamente as pessoas por raça, segundo as normas das Nações Unidas, o relatório faz menção ao número de portugueses que "podem ser considerados ciganos" (cerca de 40 mil), não fazendo idêntica referência a nenhum outro grupo étnico.

Os incidentes de natureza racista referidos no relatório em relação a "negros" (posteriores a 1985) são imputados essencialmente a "skinheads", o que não é o caso dos incidentes com a população cigana.

No capítulo das medidas legislativas e outras introduzidas em Portugal no sentido de lutar contra o racismo e a

intolerância, o Governo destaca o trabalho do Alto Comissário para a Integração e as Minorias Étnicas, o grupo de trabalho para a igualdade e inserção dos ciganos e a comissão interministerial para acolhimento das timorenses.

No relatório é referida em pormenor a atribuição e manutenção da nacionalidade portuguesa e, no que diz respeito à regularização da situação de clandestinos durante o período entre 11/6/96 e 11/12/96, afirma que foram legalizadas 35.082 pessoas, a quase totalidade das quais oriundas de países de expressão portuguesa.

Uma análise detalhada da composição da população estrangeira à data de 31 de Dezembro de 1996 e alguns dados referentes a 31 de Agosto de 1997 permitem concluir a extensão e composição da população estrangeira no país.

Assim, nesse período a população estrangeira elevava-se a 174.638 pessoas, das quais 49.014 oriundas do Europa, 81.472 de África, 39.197 da América e 7.190 da Ásia.

O relatório expõe ainda o funcionamento do sistema jurídico português, demonstrando a sua conformidade com os instrumentos internacionais e os princípios fundamentais, averbando ainda o fundamento das medidas legislativas introduzidas em Portugal no sentido de adaptar a legislação nacional à redacção de diversos regulamentos jurídicos internacionais.

A educação, como factor que contribui para atenuar as desigualdades económicas e sociais, é ainda assinalada no relatório.

João Pedro Dias
advogado

Paulo Santos
advogado

Trav. do Mercado, 5 - 2.º Dº
Tel. 034 22568 - 3800 Aveiro

R. Marques Gomes, 22 - 1.º
Tel. 034 382065 - 3800 Aveiro

Trav. do Mercado, 5 - 1.º Dº
Trm 0936 851783
3900 Aveiro

Ficha técnica

CAMPEÃO
das províncias

Propriedade:

FEDRAVE

Fundação para o Ensino e Desenvolvimento do Região do Aveiro
Avenida 252 - 3811-901 Aveiro
Tel. 034 23045 - Fax 034 381405

Conselho de Administração:

Presidente: João Pedro Soares Dias. Administradores:
Amário Ferreira Neves, Armando Teixeira Carneiro,
Administradores não executivos: Fernando Gonçalves
Ramos, Jorge Cavalheiro Almeida.

URL: <http://www.lectrave.pt/ica>
E-mail: ica@net.telepac.pt

Direção:

Lino Venhal

Coordador Editorial:

Crista Carvalhos

Direcção Artística:

Tívolihas; Jorge Vieira Vaz; Francisco Casado Lima

Paginação e Maquetagem:

Hélker Monteiro

Redacção:

Daniela Sousa Pinto, Maria Rita, Paula Ventura,
Teléfone 034 386106 / Fax 034 386106
E-mail: cpromocao@hotmail.com

Colaboradores:

Amário Neves, Américo Greges, Armando Teixeira Carneiro, Carlos Caldeira, Eduardo Mota, Emília Serra, Fanny Ferreira, João Duarte Redondo, João Pedro Dias, Joao Henriques, José Manuel Nunes, Luísa Cruz, Manuel Ferreira Rodrigues, Manuel Carvalho, Manuel Paula Dias, Maria Caciula Matoso, Maria Emília Carvalho, Paulo Ramos, Paulo Rovira, Rui Filipe de Paiva, Vítor Sequeira.

Subs. e Recuperação de Publicidade:

José João Monteiro, 17-2º

3800-200 Aveiro.

Serviços Administrativos:

Paula Rodrigues

Departamento Comercial:

Carli Albuquerque, Helena Valente, Sílvia Lenom.

Teléfone 034 383787 / Fax 034 386106

Impressão:

Centro de Impressão Cascais.

Distribuição: Vesp.

Tiragem: 6.000 exemplares.

Registo:

SDP nº 6 e nº 22567

ISN:

0874 - 3622

Depósito Legal

nº 127443/98

Preço de cada número: 100\$00 / 7,50€

Anuidade Semestral: 250\$00 / 12,50€

Anuidade anual: 500\$00 / 25,00€

MEMBRO DA

AINDA

ASSOCIAÇÃO DE IMPRESSORES DO BRASIL

Correio do Leitor



Maria João Fernandes*

Ainda... "Onde está a ADERAV?" E sobre "um debate que não chegou a ser..."

O sr. dr. Manuel Rodrigues voltou à carga, no passado semana, neste mesmo jornal, com os títulos supracitados. Desla vez, porém, lê-lo numa linguagem mais moderada, reconhecendo certamente a injustiça dos seus juízos aligeirados e as ofensas proferidas contra um movimento cívico de primeira importância na cultura regional a que centenas de aviesenses deram e dão corpo.

No entanto, continua profundamente bairralhado, não sabendo distinguir que os esclarecimentos dados em resposta, por mim, foram feitos, não como simples cidadão, mas na qualidade de presidente da Assembleia Geral da ADERAV, com a obrigação institucional que a este assiste de defender a "assembleia" dos associados, que tenham as suas pagas ou não (assunto que diz respeito à Direcção), apesar da resposta contra essa clara distinção. Isto é, não pensou, a avaliar pelo tom e pelas palavras imponderadas que escreveu, que houvesse órgãos da Associação de Defesa do Património em exercício... É que, para ele, sem ele tudo é o caos.

Por isso, no exercício das funções para que fui eleito — e me mantenho, tendo ainda que repudiar e esclarecer as afirmações que lançou no texto da semana passada, mais uma vez aligeiradas e maldosas, só com o objectivo — lamentável, de desacreditar a instituição, nomeadamente:

- quando pretende insinuar que há na Associação "duas direcções", o que é um disparate de todo o tamanho (como só conheço o que está a trabalhar (fortemente empenhada numa acção de grande repercussão para Aveiro e sua região, como em breve se verá), tenho que concluir que a "outra", a que tanto critica e maldiz, é apenas imaginária do dr. Manuel Rodrigues!

- quando fala de uma "conta bloqueada" num banco (apontando até valores falsos). Outro enorme disparate! Mais parece que o instituição bancária não confia nas assinaturas que lê estão... Está redondamente enganado! Está tudo legal e as pessoas são sérias. Se assim não fosse, se calhar, até não estaria lá esse generosamente puceliniano, religiosamente guardado para actividades (a Direcção saberá para quê).

- quando afirma que a ADERAV "não promove qualquer evento cultural desde 1985...". É mais uma afirmação gratuita, que só posso entender como profano de má fé (pois facilmente se pode documentar o contrário no arquivo da instituição ou na imprensa regional, salientando-se, entre outros, o "Encanto Distral" de Associações de Defesa do Património).

- por outro lado, o sr. dr. Manuel Rodrigues não apresentou nenhum dos seus textos como um "debate de ideias". Faz, isso sim, juízos aligeirados sobre a instituição — cuja obra de conjunto, apesar de altos e baixos, é digna da nota e não pode ser menosprezada —, profereindo ofensas... e revelando, apenas, má fé de confronto.

Reafirmo, tal como o defendi logo no Boletim nº 1 da Associação (1979), que é preciso muita humildade para integrar uma equipa e, neste caso, trabalhar generosamente em defesa do essencial — o património cultural e natural da Região de Aveiro. Neste trabalho, não há lugar "para procedimentos individualistas e delirantes" como o seu texto troza.

Por isso, feitos os devidos esclarecimentos, importa dizer ainda que, se como indicou na última edição deste semanário, busca nessa temática confrontos pessoais como pretextos para outros exercícios literários, eu, enquanto cidadão, individualmente, não estou disponível. Tenho mais que fazer.

Amara Neves
(Presidente da Ass. Geral da ADERAV)

A ADERAV está com todos os que defendem o património

"Falta nos a alta noção de solidariedade patriótica, falta nos o desapego dos bens de fortuna, falta nos o feroz espírito de abnegação, falta nos a limitada liberdade cavalaresca, e falta nos a fé dos nossos avós..."

Ramalho Ortórgo - O Culto da Arte em Portugal.

Em título de artigo recente Manuel Rodrigues pergunta: "Afinal, onde está a ADERAV?". Respondo, sem querer entrar em polémica que aliás não alimentarei, por achar que o meu esforço e também o do autor citado devem ter objectivo mais proveitoso: - A ADERAV está com todos os que defendem o património e também, esperamos, com Manuel Rodrigues, se este desejar dar-nos o contributo das seus conhecimentos e experiência. Todos os apoios são bem-vindos desde que alinhados nos valores da solidariedade, do desinteresse, do respeito e da fé a que se refere Ramalho Ortórgo na epígrafe que escolhemos.

A ADERAV ressurgiu, como aliás foi publicamente anunciado na imprensa no próprio dia (11 de Janeiro de 1997) em que se realizaram as eleições amplamente participadas para os seus corpos gerentes, como uma reacção à série de atentados "não desculpáveis nem pela ignorância" a que se referiu Siza Vieira em texto então divulgado, que atingiram o património da arquitectura do princípio do século em Aveiro. A destruição parcial da casa da Rua Capitão Sousa Pizarro de Silva Rocha e Korrodi, a demolição da casa de Homem Cristo que lhe ficava próxima e a degradação da Caplania, ex-libris da cidade e seu indiscutível património histórico e arquitectónico, ambos do risco de Silva Rocha, foram casos entre muitos outros de irreversíveis danos feitos ao que poderia ser um conjunto único e notável, onde tem destaque pela sua originalidade e força do sua representação a Arte-Nova. Tal facto tem vindo aliás a ser reconhecido a nível nacional por especialistas como José Augusto França que considera Aveiro capital nacional deste estilo em Portugal.

Sob a impulsão do dr. Amaro Neves seu fundador, foi este o ponto de partida da renovada actividade da ADERAV, que reapareceu não "de forma espúria", mas em resultado de meses de preparação, de contactos, de consciencialização, numa altura em que mais da que nunca se fazia sentir a necessidade de reunir esforços para salvar o que resta de um século de património, pertença da memória de todos nós. No seu programa então publicado no "Diário Regional", de 4 e 5 de Fevereiro de 1997, explicavam-se as intenções de dar prioridade ao património mais valioso, mais emblemático e mais ameaçado do cidade de Aveiro, a Arte-Nova, não excluindo outros vertentes igualmente em risco, como a arquitectura, artes-deco ou do tipo caso português, o que aliás veio confirmar a defesa publicamente assumida da casa Paris e do conjunto em que se integra.

A ADERAV encetou a este respeito com a respeito de muitos outros casos, contactos com os meios de comunicação, imprensa escrita, rádio e televisão e com diversas instituições. Seria fastidioso enumerar os artigos que por nossa iniciativa foram publicadas em jornais como o "Expresso", o "Público" ou o "Jornal de Notícias", a este respeito ou a respeito de outros assuntos relacionados com o tema do património, ou aqueles que na qualidade de presidente da ADERAV tenho vindo a assinar como a "Carta Aberta ao IPPAR", publicada no "Público", em 29 de Outubro de 1997, a relato do visita do Centro Nacional de Cultura à Arte-Nova de Aveiro que a ADERAV orientou, publicado no "Litoral", a 4 de Junho de 1998, ou o recente e extenso entrevista (4 de Janeiro último) concedida ao "Diário de Aveiro". Bem como as relações que estabeleceu com o IPPAR, o Ministério da Cultura, o

Ministério da Defesa, a Associação Internacional de Críticas de Arte, o Ministério do Equipamento, do Planeamento e da Administração do Território, o Centro Nacional de Cultura, a Academia Nacional de Belas-Artes, a Câmara Municipal de Aveiro e a Assembleia da República, entre muitas outras entidades. Refiro apenas a título de exemplo que em consequência dos contactos com o Centro Nacional de Cultura, este introduziu na Internet a rubrica S.O.S. Património que abre justamente com a casa de Aveiro, tendo organizado o 23 e 24 de Maio de 1998, como já referi, a visita à Arte-Nova desta cidade, a que se seguiu pelo ésto registado, a visita à Arte-Nova em Lisboa, de que deu notícia o artigo que assinai recentemente no "Jornal de Letras".

O relatório emitido pelo Assembleia da República acerca da audiência que a submissão de cultura concedeu a 18 de Fevereiro à presidente da ADERAV, termina da seguinte forma: "No traço de informações efectuado e perante os elementos recolhidos, os senhores deputados presentes, reconhecendo a importância cultural, em termos não só locais mas também nacionais, do património arquitectónico Arte-Nova de Aveiro e sua Região, decidiram apelar ao IPPAR (Instituto Português do Património Arquitectónico), à Câmara Municipal dessa cidade no sentido de:

- se proceder a um inventário tão completo quanto possível desse património arquitectónico;
- se proceder à sua classificação;
- se enviarem esforços para a sua salvaguarda e preservação. (O relatório emitido por S. Bento, a 26 de Fevereiro de 1998, é assinado pelo deputado relator Fernando Pereira Marques). Estes são justamente os propósitos da ADERAV e a linha de acção que tem vindo a desenvolver, procurando actualmente estabelecer alguns contactos e conseguir apoios no plano internacional. Como tarefa fundamental propõe-se promover a anganção de verbas a nível nacional e internacional, com vista à recuperação deste valioso património em ruínas e também incentivar a criação pela Câmara Municipal de Aveiro de um Gabinete Técnico Local que a exemplo do que acontece em Guimarães procure soluções caso a caso apoiando as proprietários na recuperação dos edifícios carentes de restaura. Com este objectivo tem colaborado activamente com o recém-criado Gabinete de Património da Câmara Municipal de Aveiro, em algumas iniciativas anunciadas para breve, como um catálogo em que estas e outras questões serão debatidas. A ADERAV está especialmente empenhada neste momento na defesa dos valiosos núcleos de arquitectura Arte-Nova e Artes Deco de Ilhavo e de Espinho e em todas as situações que envolvem o património em risco na região de Aveiro.

Não depende no entanto desta Associação, ou de qualquer outra, que a sua voz seja escutada pelas instituições verdadeiramente responsáveis pela solução deste grave problema que envolve interesses públicos e privados, por vezes de sinal antagónico. Não depende da ADERAV que se faça justiça à sua actividade que deseja entender no conjunto da arquitectura do princípio do século. Uma actividade cujo único interesse é a defesa do um valor inestimável, o da nossa identidade cultural e nacional. Os nossos antepassados, directos ou não, legaram-nos a testemunho de um século, nos vestígios de um património actualmente à deriva. Cumprem-nos, cumpre a todos os que amam esta região que já foi movi-

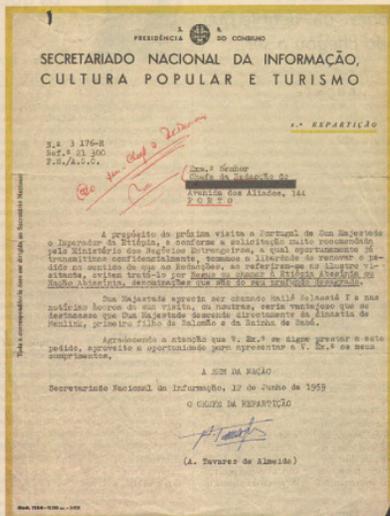
Continua na pág. 16

CENSURA: um lápis e dois bicos



O regime de censura que vigorou até 25 de Abril de 1974 tinha dois pesos e dois lápis. Dois pesos, porque muitas notícias publicadas nos jornais da tarde de Lisboa acabavam por não serem lidas nos matutinos tanto da capital como do Porto; dois lápis, porque, contrariamente ao que se diz e escreve, a Censura usava, para Lisboa, sede do serviço, a ponta do lápis azul e, para o Norte, a ponta vermelha (encarnada, dir-se-ia, então, obrigatoriamente).

Nestas páginas, alguns subtítulos para a história da Censura, mas que não era exercida de pelo departamento próprio. Nos arquivos dos governos civis, da PSP, da GNR e das alfândegas há muito material ainda por ler, estudar e divulgar.



Exatidão de por censura o direito que chama a si autoridade pública, religiosa ou militar para controlar, impedir ou punir, total ou parcialmente, a divulgação de ideias, pensamentos, notícias, conceitos ou imagens.

Embora mais recente e acurioso nos regimes autoritários, a censura, sob a forma de grupos de pressão privados, religiosos e eclesíacos, ou mesmo associada à ação do governo, também existe nas democracias. Ou melhor, sempre existiu, como disse nos dá testemunho Heródotus, o pai da História, nascido no século V antes de Cristo:

"Por sua vez, quando o governo corresponde ao povo, é impossível que não se desvieva entre os cidadãos a maldade. E quando se desenvolver a maldade pelo que respecta à coisa pública, não se produzem inimizades entre os maus, mas sim fortes amizades, pois aqueles que fazem mal ao Estado não se ocupam do conjuntemente. Proteção dos indivi-

duos, das entidades, da segurança nacional, da moral e das costumes é a razão justificativa sempre invocada para o estabelecimento da censura que, relativamente às formas de conteúdo e de aplicação, pode ser:

- Censura prévia - controle antecipado e preventivo da informação; autoritários, a censura, sob a forma de grupos de pressão privados, religiosos e eclesíacos, ou mesmo associada à ação do governo, também existe nas democracias. Ou melhor, sempre existiu, como disse nos dá testemunho Heródotus, o pai da História, nascido no século V antes de Cristo:

Quando ao alcance, a censura pode ser: - parcial (com corte de palavras, frases, períodos ou parágrafos, as mais das vezes para truncar o texto); - total (proibição de toda a obra, representação, notícia ou reportagem); - suspensiva (retenção da notícia para não "exame" recebendo

o carimbo de "demorado" e, depois, se de autoritário, com certos parciais ou corte total.

Em Portugal, e antes do 25 de Abril, a Censura funcionava do seguinte modo: - Em Lisboa e no Porto, havia comissões de

Censura (Exame Prévio) que dependiam da Presidência do Conselho de Ministros;

- Os censores eram, invariavelmente, oficiais das Forças Armadas, o que não excluía a presença de civis, licenciados;

- Para além das "instruções" que pudes-

sem ser transmitidas por escrito e com a obrigatoriedade de serem repetidas, havia uma linha telefónica, directa, da Censura para o órgão de comunicação que não excluía a presença de civis, licenciados;

- Para além das "instruções" que pudes-

sem ser transmitidas por escrito e com a obrigatoriedade de serem repetidas, havia uma linha telefónica, directa, da Censura para o órgão de comunicação que não excluía a presença de civis, licenciados;

- Para além das "instruções" que pudes-



as chamadas provas de granel; - O conteúdo do jornal aguardava, nas instalações da Censura, que o exame fosse feito e negativas com duas provas carimbadas e com (ou sem) as intervenções

(total) feitas no texto; - Para se a prova, e com toda a atenção, eram entendidas as notícias de modo a fazerem tal qual a Censura a notícia;

- Em período de eleições carimbadas e com (ou sem) as intervenções (total) feitas no texto; - Para se a prova, e com toda a atenção, eram entendidas as notícias de modo a fazerem tal qual a Censura a notícia;

- Em período de eleições carimbadas e com (ou sem) as intervenções (total) feitas no texto; - Para se a prova, e com toda a atenção, eram entendidas as notícias de modo a fazerem tal qual a Censura a notícia;

dependentemente das provas submetidas os granel, para controle do destaque e a colocação das notícias;

- Quando os cortes eram totais, o censores considerava e tratava a notícia com lápis azul, em

dependentemente das provas submetidas os granel, para controle do destaque e a colocação das notícias;

Lisboa, ou encarrado (porque estava proibido o "vermelho", no Norte); - O noticiário estrangeiro, transmitido por telex pelas agências noticiosas, era censurado directamente, dando as agências, de tanto em tanto telegramas, o scriptivo de censura com a indicação dos cortes feitos. Exemplo: "O ANI, da France Presse ou da Reuters tem corte parcial a partir de... o telegrama n.º 22 está suspenso o telegrama n.º 21 tem corte total o telegrama de 22 a 30 está livre".

Tanto as instruções transmitidas pelo telefone, e anotadas em folhas normais de papel (os "linguados" ou laudas), como os telegramas censurados e a prova tipográfica viadas, ficavam arquivados na chapa da redacção. Infelizmente, nem todos os jornais começaram a ser submetidos às instruções relativas às instruções transmitidas telefonicamente;

- Sempre que a mandante fosse "dedicada", a chapa da redacção tomava a própria, a iniciativa

de mandar provas da notícia à Censura, não fosse o diabo teó-la...

O modo da Censura era uma outra e não menos coerente, pelo recuo de vítima a ser processado como autor ou coautor da liberdade de expressão.



Artes & Ofícios

Ana Ramalho: a alegria da cor

Ana Ramalho nasceu no Rio de Janeiro. Veio para Portugal há oito anos. No Brasil, trabalhava na área financeira, mas tinha como hobby a pintura em seda, de tecidos de decoração e de mobiliário. Quando chegou a Portugal, percebeu que na área financeira as mulheres não eram muito bem recebidas. Então, passou a dedicar-se a tempo inteiro ao artesanato. Tirou alguns cursos e apaixonou-se pela pintura cerâmica.

Daniela Sousa Pinto

A madeira, o gesso e os tecidos eram as telas onde Ana Ramalho pintava aquilo que a sua imaginação ditava. «Sempre me interessei pela cerâmica. Quando vim para Aveiro, comecei a tirar cursos na área da pintura cerâmica e dos painéis de azulejo. Aveiro é uma cidade riquíssima, muito bonita e não existe um museu de azulejos, pois aqui há um pouco da história do azulejo.»

«Pensam que é possível baixar o preço?»

Ana Ramalho é apaixonada pelo seu trabalho e, apesar de se sentir, por vezes, um pouco triste com a falta de valor que as pessoas dão ao artesanato, não desiste e investe naquilo de que realmente gosta. «O

mercado português não é o mais indicado para os meus trabalhos; então, procuro colocá-los fora do país. No próximo mês vou a Florença, em Itália, para uma exposição, juntamente com outros artesãos portugueses. Também costumo expor na FARA, e espero este ano voltar a fazê-lo, mas sei que esta feira, mesmo sendo muito jeitozinha, não é o espaço mais indicado para os meus trabalhos. As pessoas procuram muito as coisas baratas e não pensam que, por vezes, por mais 1000\$00 podem levar para casa coisas muito melhores. Por outro lado, e isso também acontece na minha loja, quase toda a gente quer regatar o preço das peças. Como o artesanato, pensam que é sempre possível fazer baixar o preço. É difícil apresentar trabalhos a pre-

ços muito baixos com alguma qualidade.

A falta de sensibilidade da maioria das pessoas, se calhar, é culpa dos próprios artesãos. «Muitas vezes, nos finais das feiras vendem quase tudo ao preço da chiva, porque estiveram uma semana, ou mais, sem conseguirem realizar dinheiro, tiveram que pagar alojamento, alimentação. E muitos andam o ano inteiro de feira em feira... É uma vida dura. Para ganharem algum dinheiro, desvalorizam os seus próprios trabalhos. Mas eu compreendo, pois nem toda a gente pode aguentar a pressão de não vender.»

«O artesanato é uma espécie de primo pobre»

Portugal é um dos poucos países da Europa que mantém o artesanato. No entanto, a grande maioria dos portugueses não lhe dá tanto valor como outros povos. «O grande problema é não se verificarem muitos investimentos nem divulgação. O artesanato é uma espécie de primo pobre das outras áreas. As pessoas a quem cabe decidir sobre as questões do artesanato, nem sempre entendem muito do assunto e, muitas vezes, não têm sensibilidade ou profundo interesse no desenvolvimento desta área tão importante da cultura. O artesanato português é muito bonito.»

O artesanato tem de se valorizar e evoluir. «O artesanato não tem de ser aquela pessoa pobre e analfabeta que não sabe dar valor ao seu trabalho e que pode vender as suas peças ao preço da chiva.»

Ensinar é um projecto, uma possibilidade. Mas não por enquanto. «É uma coisa que gostava de vir a fazer. Acontece que não tenho muita disponibilidade, e ainda preciso de utilizar o meu tempo para aprender.»

«Não me considero uma pessoa especial»

As mulheres são muito talentosas, «porque conseguem fazer muitas coisas ao mesmo tempo. Mas todas as pessoas têm algum talento; umas, tentam desenvolvê-lo; outras, nunca exploram as suas capacidades. Eu gosto de expressar aquilo que sinto e faço-o através dos meus trabalhos. Tenho alguma capacidade, se calhar um pouco mais do que algumas pessoas, mas não acredito em génios... Eles aparecem muito raramente. De um modo geral, o empenho, a vontade de expressar alguma coisa, costuma abrir um caminho para as pessoas crescerem. Não me considero uma pessoa especial, trabalho muito para conseguir os meus objectivos.»

Seja como for, Ana Ramalho gosta dos seus trabalhos e apaixonou-se, principalmente, pela cerâmica. «De coisas tão simples e de



Depois da primeira cozedura o prato é pintado

uma forma muito primitiva consegue-se criar peças muito sofisticadas. A cerâmica pode ser muito simples e muito requintada e isso agrada-me. Trabalhar com poucas coisas e obter resultados tão variados é fantástico... A culpa da minha paixão pela cerâmica é do professor Fernando Morgado.»

As cores e o relevo são os motivos de que Ana Ramalho mais gosta. «As texturas são muito interessantes. Gosto de tocar e sentir. «As cores alegres são muito importantes.»

«Nós gostamos de falar de direitos...»

O artesanato só se justifica, quando se gosta mesmo. «Dá muito trabalho e pouco dinheiro. Só com muito amor alguém consegue dedicar-se a esta actividade. Gosto muito de pintar, de me sujar com as tintas, de me sujar com as tintas, de me sujar com as tintas... E adoro poder utilizar aquilo que sei para fazer experiências... E a verdade é que são experiências arrojadas, porque desde as paredes aos armários, tudo pode parecer fascinante para Ana Ramalho. «O pior que pode acontecer é ter que pintar tudo outra vez... Por isso, se me apetece mudar, pin-

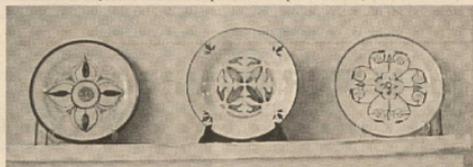
to as portas ou às paredes da minha casa.»

Alguns pessoas dizem que Ana Ramalho não faz artesanato. «Há o artesanato tradicional, que respeito e gosto muito, e que deveria ser mais valorizado e apoiado, mas as coisas mudam, renavam-se. O meu trabalho é artesanal. Talvez todo um processo de manipulação e esse processo é artesanal.»

As pessoas confundem-se um bocado, porque o mercado está a ser invadido por artigos da China e da Indonésia, muito baratos, mas com pouca qualidade. «Comparam os nossos trabalhos com as peças que chegam desses países. Quando as peças não estão uma ao lado da outra, é difícil distinguir aquilo que é de qualidade daquilo que é feito por pessoas mal pagas que produzem a um ritmo alucinante, sem quaisquer condições, onde não são respeitados os princípios mais básicos dos direitos humanos. Mas pior do que não valorizarem os nossos trabalhos, é que as pessoas que fazem estes trabalhos são exploradas. Mas nós gostamos de falar de direitos... No entanto, promove-se esta situação.»



Peça restaurada por Ana Ramalho



A cerâmica é uma paixão de Ana Ramalho

Achegas para a historiografia queiroziana (X - Conclusão)

Joaquim José de Queiroz

Fidalguia, nobreza e casamento

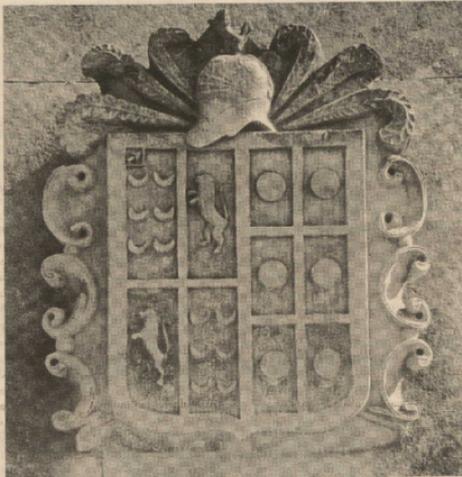
Jorge Henriques

Os oficiais que acompanharam o grupo de milícias com mandado do Juiz de Fora da cidade de Aveiro, José de Sousa Ribeiro Pinto, no sequestro de bens efectuada na sua casa de Verdemião e posteriormente, por denúncia, na casa de Sebastião dos Santos Baixeiro, do Bonsucesso, apreenderam «uma caixa de pau de pinho, de comprimento de três palmos e meio, e de largo de palmo e meio». Continha a referida caixa «trastes de prata, livros e muitos outros papéis avulsos».

Examinados esses papéis, que se encontravam em depósito na casa do encarregado do Depósito de Aveiro, Fernando António de Almeida, verificou-se que dos mesmos constava: «mais do que uma carta de Francisco Sarriava da Costa Refoios dirigida ao rebelde Queiroz, duas cartas de Luis Estevão Couceiro, um apontamento do mesmo Queiroz sobre os bases do poder da Desembargaria do Juiz Rebelde [...] papéis relativos à revolução do Rio de Janeiro, em 1820 ou 1822, correspondência dali sobre negócios domésticos, vários atestados e certidões relativos à sentença dos lugares do mesmo rebelde, Carta de Desembargador e de Hábito de Cristo e outras mais desta natureza, um brasão de armas de André de Almeida Pinho, desta cidade».

Os serviços prestados pelos apreensores foram premiados do seguinte modo: «Sua Majestade El-Rei, por despacho de 20 de Maio, foi servido conceder a Manuel Martins Almada de Coimbra, a Fernando António de Almeida e a João Crisóstomo de Lucena todos da cidade de Aveiro, a graça de poderem usar da medalha com a Sua Real Estipê, em atenção aos seus serviços e fidelidades».

Encarregado a Desembargaria Queiroz, na sua petição: «E que os referidos seus pais, avós e mais ascendentes são pessoas nobres das illustres famílias dos Queirozes de Amarante e dos Almeidas de Aveiro e como tal se trataram sempre às leis do nobreza, com armas, criados e cavaleiros, sem que em tempo algum comessem crime de Lesa Majestade divina ou humana. Pelo que pedio ele suplente por Mercê, que para a memória de seus progenitores se não perdesse, lhe Mandasse dar a minha Carta de Brasão de



Brasão de armas do túmulo em Verdemião

Armas dos ditos familiares, para delos tão bem usar na forma que as trouzeram e foram concedidas aos seus progenitores».

A 30 de Julho, a Rainha D. Maria II despacha favoravelmente a sua petição, passando-lhe a pertencer «usar e gozar de suas Armas, segundo o meu Regimento e Ordenação de Armaria». O qual Escudo e Armas «podem trazer e usar tão somente o dito Joaquim José de Queiroz e Almeida [...] e com elas poderá entrar em batalhas, reptos, escaramuças e exercitar todos os mais actos lícitos da guerra e do pazo, podendo ainda usar «em seus Irmãos, onés, sinetes e divisas, p-ãs nas suas casas, capelas e mais edificios e deixá-las sobre a sua própria sepultura» e finalmente «servir, honrar, gozar e aproveitar delas em tudo como à sua nobreza convém».

Joaquim José de Queiroz passava a ser um nobre, do Conselho de Sua Majestade, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, Cavaleiro Professo da Ordem de Cristo, deputado dos Contes, Presidente da Relação de Lisboa, com direito a todas as honras, privilégios, liberdades, graças, mercês, isenções que devem ter todos os

nobres e fidalgos. Estranhamente, Queiroz, que nunca acrescentara Almeida ao seu nome, iria abdicar do mesmo e até à sua morte e assinará sempre como Joaquim José de Queiroz.

Mas a verdade é que, com toda a sua nobreza e fidalguia, continuava a viver em situação de mançebo com sua criada, Teodora Joaquina, mãe dos seus seis filhos.

Recordemos que o Conselheiro na sua petição à Rainha referia que seus antepassados, em tempo algum cometeram crime de Lesa Majestade divina ou humana.

Estávamos agora perante um descendente recém-promovido a nobre e fidalgo em autêntica violação das leis divinas. Urgia a resolução de tal procedimento pecaminoso e se possível na maior sigilo. E assim o fizeram. Joaquim José de Queiroz e Teodora Joaquina põem-se a caminho de Lisboa.

Fazendo-se acompanhar pelo Conselheiro Francisco Lourenço de Almeida e pelo Juiz de Direito José Luís Rangal de Quadros, que irão servir como testemunhos, deslocam-se na manhã do dia 15 de Agosto

to à rua de Santa Isabel na freguesia do mesmo nome, e residência do prior Francisco José Bento da Silva.

É na oratória desta residência parquial que o matrimónio é celebrado. «Matrimónio de consciência» conforme Queiroz mencionara no seu testamento.

Tinha então o Conselheiro a proventa idade de 61 anos. Teodora Joaquina, a que se acrescentou Queiroz ao seu nome, completara 53 anos Já a filha mais velha do casal, Maria Emílio, completara 20 anos, cinco dias depois.

Erão marido e mulher e os seus filhos estavam finalmente legitimados.

Nota

Quando os novos proprietários do «Solar dos Queirozes» levantaram um segundo piso no edifício, por iniciativa de Acácia Rosa, foi retirada o brasão de armas e entregue à guarda do Museu de Aveiro onde ainda se encontra, aguardando a colocação no seu local de origem.

Descrição do brasão de armas de Joaquim José de Queiroz

É constituído por um escudo partido em pala, na primeira as armas dos Queirozes, que são esquartejadas, no primeiro quartel, em campo de ouro, seis crescentes encamadas em duas palas, no segundo quartel, em campo de prata, um leão de púrpura e assim as contrárias. Na segunda, as armas dos Almeidas, em campo encarnado, uma dobre cruz sobre bordadura, tudo de ouro e do mesmo grassura, e nos vãos seis besantes do mesmo metal. Elmo de prata aberto e guarnecido de ouro. Paquile dos metais e cores das armas: timbre dos Queirozes que é um leão do escudo e por diferença usa briza azul com um farrão.

Glossário:

Besante — disco de metal imitando um moeda Bizantina que figurava no brasão de um cavaleiro indicava terido à Palestina. Brica — pequeno espaço no canto do escudo para distinguir a linhagem dos filhos segundos. Crescente — meia lua que se representa com as pontas viradas para cima. Esquartejado — escudo partido em quatro partes e em cruz. Paquile — faldão ornamental que se estende pelo escudo recordando de forma caprichosa que amam o escudo de um e outro lado. Timbre — capacete ou coroa que se sobrepõe num brasão.

NA LEITURA DA REGIÃO
PARA OUVIR EM TODO O MUNDO

www.ciberguia.pt/radiomoliceiro

MOLICEIRO
FM 94.4

Inédito

"Dados de família e lembranças acerca de meus filhos" (III)



Francisco Gomes de Amorim

Fomos, depois de termos mudado de foto, com a família toda passaram Odvilgas, do vale, afiliações na Colgada de Cariche, onde eu tinha encomendado a alfama e vienas junto ao Campo Grande, onde o célebre Escoteira, então muito em voga, tinha ido de propósito fazer o jantar numa casa de pasto que ali tinha, mas que acabava de fechar esse ano, e que nunca mais abriu, segundo me parece. [Seguem-se duas linhas rasgadas e ilegíveis] ... zangas ou discussões irritantes, amei e estimei sempre minha mulher, testemunhando-lha com as mais evidentes provas de afecto que me era permitido dar-lhe, e, por minha parte, creio não ter contribuído para que ela se julgasse infeliz no seu casamento. Tive-a o melhor que o escassez da mão poucos meios me consentiu; nunca voluntariamente lhe dei um desposto, e confio que ela continue depois de meu falecimento a honrar o nome que lhe dei e que o favor dos meus contemporâneos se dignou distinguir. Até hoje, 26 de Abril de 1887, não me atrependo de ter casado com ela.

Minha filha Júlia nasceu na casa da rua Nova do Campo n.º 69 - 5º andar, no dia de quinta-feira 5 de Março (cinco) de 1868, pelas duas horas e vinte e cinco minutos da tarde.

Foi baptizada ao nascer pela parreira por estar em período de via. Baptizou-se solenemente na Igreja do Sacramento em 13 de Agosto de 1868 às 8 horas da manhã, sendo padrinho José António da Eiroa, representado por Joaquim José Jasso; e madrinha sua mulher D. Maria da Natividade Eiroa, representada por seu filho Aureliano António Eiroa. Foi vacinado, etc., etc.

Faleceu no mesmo caso, onde nasceu, pelas 6 horas da manhã de 4 de Novembro de 1870, deixando-me, e a minha mulher tão inconsoláveis pela sua perda, que eu chorei-a muitas anos e ainda hoje não posso lembrar-me dela, sem comção vivíssima.

Era criança interessantíssima, de talento tão precoce que foi a que me causou a morte.

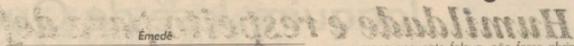
Na dizer das médicas, faleceu de uma meningite. Quando Chico vinha do colégio, este, com pouco mais de sete anos, trazia o cestinho do lanche na mão e Júlia ia esperá-lo porta; tirava-o do cesto; e com extraordinária meiguice, lhe perguntava: "Comeste tudo Chico? Querias mais? Não fiveste fome?"

Ao voltarmos das Laranjeiras, onde passámos três meses, por causa da tosse da Mariana, Júlia vinha comigo e com a mãe, no mesmo carroçagem; e eu por duas vezes a surpreendi de mãos postas, como quem estava a ver mudas diferentes do nasco, e com o pensamento, Deus sabe onde! Profundamente impressionada daquela attitude, tirei-lhe as mázinhas da postura em que os tinha. Ela deu um longo suspiro, como se accedesse do sonho.

Perguntei-lhe o que tinha e respondeu-me: "Estava a pensar". Dei-lhe uma balacha, para a distrair. Espiquei-me e conversei com minha mulher. Momentos depois, Júlia estava com os olhos na mesma posição, e a olhar embêdo no que só ela via! Toquei no braço do meu e apontei-lha. Ela não viu nem coisa alguma! Cada um de nós lhe agarrou no mazoinha, e assim viamos até Lisboa. Não quis comer o bolcho, e virinha de perfeita saúde. Tivemos, contudo, um pressentimento, ambos o mesmo. E quatro dias depois, aquele anjo adoradinho tinha-nos fugido para a região misteriosa, que entrevia, quando voltávamos da quinta das Laranjeiras. Copiando isto de outro livro velho, em Junho de 1887, ainda o não posso fazer sem comção e saudade profunda! (Continua)

Viagens ... algumas na nossa terra

Onde se fala da terra da boa gente



Conforme o prometido, aqui me têm a falar de-hovora de África.

No cumprimento da nossa missão n'aquelle territorio, existia uma escola que não tinha sido indicada na nossa guia de marcha: Inhambane, ou terra da boa gente, em bom português.

Na verdade, um senhor influente da cidade, tendo conhecimento pelas jornais da nossa ida a Moçambique, com uma mastro de cinema europeu e português, meueu os cordeinhos e conseguiu entao, em dois espaços das nossas visitas, uma passagem por Inhambane.

Não ficámos encantados, verdadeiramente, com a alleração. A exemplo do que vinha succedendo, certamente iriamos deixar-nos tarde, duas ou três da manhã, para sair ás cinco para Inhambane.

A saída da hoje Maputo, deu-se de láxi, por volta das seis horas da manhã, que se aqui é madrugada, lá já toda a gente tem o mata-bicho tomado. Para ser verdadeiro, não vou referir as belezas da trajação, que deviam ser immensas, ao que nos disseram, mas que não viamos. E não vimos, pelo simples razão do sessão em plena Universidade de Lourenço Marques ter terminado as quatro horas da madrugada. Despedidas, viagem até ao hotel, e preparar as malas, estávamos já na hora da partida, quando pensámos em dormir. Achámos por bem transferir essa necessidade para a viagem de láxi.

Mas não vou abandonar Lourenço Marques, sem antes dar conta de um episódio daqueles que podem dar alguma ideia do que se viu e se fez durante a viagem de uma viagem a uma pessoa.

Sobretudo da minha viagem a Moçambique, um amigo, inelintemente já desaparecido, pediu-me o especial favor de levar para o filho, a trabalhar em Lourenço Marques, uma pequena encomenda, coisa pouca, apenas uma lembrança. De imediato concordei, com a condição de ler em atenção o volume. E esse amigo teve isso em atenção. Era uma embalagem que eu pensava ser de uma comisa. Guardeei-a entolada na minha mala, entre a minha roupa, e não pensei mais nisso. Chegado á capital moçambique, avisei-me na hotel que tinha uma visita para mim. O nome não me dizia muito, mas mandei subir, convencido de que seria mais um jornalista curioso. Mas não, era o filho do meu amigo, que procurava a encomenda. Que agradeço muito, que o pai não deveria estar com estas coisas, que tinham tudo em Moçambique, entim, os agradecimentos normais. E tudo seria normal,

se o moço enquanto falava, não fosse abrindo o caixa. Pôz-me, e que depois de libertar-me, verificadas, até láxi estava surpreso, que eu, tendo em conta, tanto tanta a minha idade, umas dúzias de annos, e a minha situação, não era de Aveiro, pois clarissimo, de láxi, de láxi, de láxi.

Claro que tivera o cuidado das embalagens, e a sua plástica, que se fora o grego, e fudo o mais, mas mandou sardinhos para Moçambique? E sardões? Até o Testão, França Marle se zangava, se fiveste sabido.

Bem, mas estávamos em viagem para a Terra da Boa Gente, e lá chegámos muito perto do meio-dia, por que ali as distâncias são como no Alerlejo: é já ali adiante, e fazem-se 300 quilómetros. Na recepção, estávamos, por além do senhor bem relacionado, muitos entusiastas de cinema, dirigentes locais do cineclubes, e muitos officiaes do exército português, que aproveitavam a sua folga, para estar comosco e malar-squadões.

Ali logo á frente do caminha, um quasi contentoneiro, um homem de Agueda, dado ás artes das letras, o Denis Padeiro, que ao deitar de lado por algum tempo a sua vida poetica, se declarou mais tarde ás lides politicas, como presidente do municipio de Agueda.

Ele mesmo explicou que o organizador tinha preparado um banquette e mais discurso, e entrega de lembranças aos illustres visitantes. Mas aguilho que trazia aguilho no bico, com certeza!

A meio da sessão, o senhor aproveitou o intervalo, para chamar os illustres visitantes ao palco, onde em seu nome e de não se vêem quem mais, nos entregou as lembranças, e aproveitou para afirmar o seu firme propósito de concorrer para presidente de Comara de Inhombane. Também, e aproveitando a presença de elementos da Federação de Cinema, ia projectar uns filmes seus, rodados nos dias da comisa.

E que foi mesmo para a cabina, onde tinha já guardado uma série de bobinas com material recolhido do tipo: visita do governador; com entrega de flores pela esposa da banda; o desfile da Mocidade Portuguesa e a saudação á bandeira nacional pelas forças-vivas da cidade; entrega de socos com viveres e tabaco para os soldados; a missa campal no praça da cidade, cidade que eu quase não vi, e poderia ter aproveitado o tempo da projecção daquelles filmes para o fazer, mas que me pareceu encantador, e assim decorreu aquella sessão de auto contentamento.

Creio que o Denis Padeiro ainda hoje deverá sentir a frustração que aquella visita occasionou...

A ADERAV está com todos os que defendem o património

Continuação do pag. 11

hoisna, hoje tão adulterado no plano natural, como cultural, lutar pela preservação dos seus bens mais preciosos. É de todos os cidadãos, é de uma consciência civica animada pelas legitimas propósitos da salvaguarda dos valores da memória e da cultura, que depende não o successo da ADERAV, mas o successo de uma civilização que se afunda nas suas próprias ruínas, e não também do espirito.

Agradeço esta oportunidade de redefinir os objectivos da ADERAV, de renovar os seus propósitos de sempre e de esclarecer mal-entendidos. Foi levantada no processo a seu respeito contra o dr. Manuel Rodrigues e contra um jornalista do "Expresso" por ocasião da livelvel companha que fizeram a favor da salvaguarda da Capitania. Encontrámo-nos justamente no momento em que eu ia defender o jar-

nella Valdemar Cruz, a pedista deste, em depoimento escrito extensivo a ambos. Creio pelo meu empenho ter dado um contributo para que o processo fosse arquivado. A ADERAV não é a Associação ideal que o dr. Manuel Rodrigues defende, que teve oportunidade de construir, oportunidade que era o próprio referre, recusou. Começamos a colocar pedra sobre pedra, no momento em que toda um mundo,

*Presidente da ADERAV

Futebol

Jogo transmitido às 18 horas de sábado, na SIC

Humildade e respeito para defrontar Leiria

O Beira Mar defronta, depois de amanhã, no estádio Mário Duarte, o União de Leiria, em jogo a contar para os oitavos-de-final da Taça de Portugal.

Após ter goleado o Portomense na 5.ª eliminatória, a formação aurengeira tem agora uma tarefa bastante mais complicada contra a equipa que, segundo o treinador do Beira Mar, «está a ser a surpresa do campeonato». Apesar de jogar em casa, António Sousa refere que será «um jogo complicado», contra uma «grande equipa», que explora bastante bem o contra-ataque quando joga fora do seu reduzido e que, «quando está em vantagem, consegue ser extremamente perigosa».

O técnico aurengeiro espera encontrar

um opositor «muito motivado», fruto do excelente campeonato que o União de Leiria tem vindo a fazer — actualmente ocupa o 5.º lugar na classificação do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão.

Para defrontar a formação da cidade do Liz, António Sousa diz que é necessário «sermos humildes» e termos «muito respeito» pela equipa orientada por Mário Reis. Se a filosofia resultar e se o Beira Mar jogar o seu melhor, o técnico aurengeiro acredita na conquista de um bom resultado.

No que concerne a jogadores lesionados, Sousa adiantou que o guarda-redes Elísio está bastante melhor, no entanto, ainda treinou com limitação. Gil

e Fary, que se lesionaram no jogo do passado fim-de-semana, frente ao Sporting, para o Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, não treinaram na segunda-feira, tendo realizado na terça, um pequeno treino condicionado. A inclusão destes elementos na equipa que irá defrontar o Leiria ainda não está definida, estando dependente da forma como evoluir a situação

clínica dos jogadores.

Para além do Beira Mar - União de Leiria, jogam ainda para os oitavos-de-final da Taça o Alverca - Campomaiorense, Marítimo - Póvidem, Vitória de Setúbal - Paços de Ferreira, Caçadores Taipas - Espouende, Boavista - Gil Vicente/Vilanovense/Santa Clara, e Moreirense - Maia/São João de Ver/Ororiz.

Sócios do Beira Mar com descontos na CEPSA

Os sócios do Sport Clube Beira Mar têm, desde a passada semana, desconto no abastecimento de combustíveis na CEPSA, fruto de um acordo celebrado entre aquelas duas entidades. Segundo o protocolo, os sócios do clube aurengeiro recebem o Cartão Cepsa Cliente, passando assim a beneficiar de um desconto de 4800 por litro, no posto desta gasoilina em Aveiro.

Atletismo

Aveirenses campeões em competição equilibrada

Um mar de atletas, em representação de 27 clubes, participaram, no passado fim-de-semana, nos 31.ºs campeonatos distritais de corta-mato, disputados em Vale de Cambra. Uma competição que ficou marcada pelo equilíbrio, bem patente na distribuição de títulos individuais e colectivos.

Em benjamins, sagraram-se campeões Carina Pinho (Sra. Campos) e a ACADOP de Femeñá (colectivamente), em femininos; e Ricardo Pinho (SP Oleiros) e o CR Estarreja, em masculinos. Em infan-

tilis individuais femininos, a vitória foi igualmente para Carina Pinho (individual), tendo a Adercus, de Oliveira do Bairro, sagrado-se campeã, colectivamente; em masculinos, André Aniceto e a Maceda, clube que o atleta representa, conquistaram o primeiro lugar. Eunice Tavares e a Sãojanense foram os vencedores em iniciados femininos; André Lopes (Cenap) e o Cenap sagraram-se campeões, em masculinos.

No escalão de veteranos, Carolina Morais (NABairrada) foi a vencedora em femininos e Júlio Costa (CM Ovar), em masculinos.

Madalena Casca (Clark Castelo de Paiva) e o NABairrada sagraram-se campeões em juvenis femininos, enquanto que em masculinos, Bruno Cordeiro (Greca) e o Campiense arrebataron o primeiro lugar. Em juniores, Sara Pinho (Ilhavo) foi a vencedora em femininos, tendo Bruno Cordeiro (Greca) e o Campiense vencido em masculinos.

Gonçalo Oliveira (ACR Vale de Cambra), em femininos, e António Salvador (NACucujães), em masculinos, foram os vencedores no escalão de seniores.

Em sub-23, sagraram-se campeões Clarisse Cruz (CAO), em femininos, e Licínio Pinimentel (Greca), em masculinos.

(NACucujães), em masculinos, foram os vencedores no escalão de seniores.

Em sub-23, sagraram-se campeões Clarisse Cruz (CAO), em femininos, e Licínio Pinimentel (Greca), em masculinos.

Atleta vareira campeão nacional de pista coberta

Clarisse Cruz, do Clube de Atletismo de Ovar (CAOvar), sagrou-se campeã nacional de pista coberta na classe de sub-23, na prova de 3000 metros, disputada na Nave de Es-

pinho. Para além desta atleta, mais dois aveirenses subiram ao pódio nos campeonatos absolutos de pista coberta: Sandra Cruz (Greca de Vagos) foi terceira no salto em comprimento, e Rafael Gonçalves (CAOvar), obteve a mesma posição no salto em altura.

A Seleção das Beiras — composta por atletas das associações de Aveiro, Castelo Branco, Coimbra, Guarda, Leiria e Viseu — obteve quatro triunfos no Campeonato da Galiza de Corta-Mato, que decorreu em Orense (Espanha).

A formação beirã ven-

ceu colectivamente em infantis femininos e iniciados masculinos, tendo Rafael Queirós (do Maceda, de Ovar) e Patrícia Silva (Ameirense, de Leiria), vencido as provas de infantis.

Os melhores aveirenses neste campeonato foram Solange Jesus, da Adercus (9.ª em infantis); Eunice Tavares (Estarreja) e André Lopes (Cenap), que se classificaram, respectivamente, em 9.º e 4.º no escalão iniciados; e Paula Simões (Greca de Vagos) e Nuno Valente (Maceda), que conquistaram, em juvenis, o 10.º e o 5.º lugar, respectivamente.

Distrital de "Km Jovem"

A pista de atletismo da Universidade de Aveiro recebe, este sábado, a fase distrital do "Km Jovem". A prova, que tem início pelas 15 horas, será de apuramento para a segunda fase (Beiras).

Fim-de-semana

Futebol
I Divisão
Não se realiza este fim-de-semana (Taça de Portugal)

II Honra
Não se realiza este fim-de-semana (Taça de Portugal)

II B
Não se realiza este fim-de-semana (Taça de Portugal)

III - Série C
Não se realiza este fim-de-semana (Taça de Portugal)

Campeonato Distrital - I. Divisão Honra

Zona Norte
Pinheirense / Torreira
Milhoirense / Rio Medo
Arouca / SV Pereira
Canedo / Bustelo
Carregosense / Faijões
Souleire / Lobão
Nogueirense / Romariz
Argoncilhe / Cortejoça

Zona Sul
Estrela Azul / Luso
LAAC / Paredes Bairro
Fermentelos / Pessigueirense
Valonguense / Ribeira
Gafanha / Nege
Pampilhosa / Mourisqueense
Calvão / Oitá
Alba / Oliveirinha

I Divisão B

Zona Norte
Marítimo Murtoense / Alvarenga
Bom-Sucesso / Paivense
Pedrido / Amigos do Cavaco
Sanguedo / Sardoura
Macleirense / SM Gândara
Algarrebim / Pinheirense
Maceira de Cambra / Rocas do Vouga
FIDEC / Univ. Aveiro

Zona Sul
Requeixo / BARC
Couveilha / Casal Comba
Aguiñense / Águas Boas
Monstarras / Barcouço
Bustos / Gafanha d'Agüem
Samel / Vista Alegre
Carqueijo / CRAC
Fogueira / Paradela

II Divisão

Covão Lobo / Maltense
Oliveirense / Mogoforos
Azuis do Fial / Antes
Palmoz / Macinhatense

Basquetebol
Liga TMN
24.ª Jornada
Gulmiã Estrelas / FC Porto
Seixal / Benfica
Oliveirense / CAB Madeira
Aveiro Basket / Illubium
Figueiro Gândino / Ovarense
Queuz / Montijo
Gaia / Portugal Telecom

I Divisão - Zona Norte
21.ª Jornada
Galitos / B. Guimarães
Sangalhas / Guifões
Vale Cambra / D. Póvoa

Hóquei em Patins
Campeonato Nacional - Paule A
4.ª Jornada
FC Porto / Paço de Arcos
Benfica / Oliveirense
O. Barcelos / Barcelinhos

Paule B
Infante Sagres / Marinhense
Alenquer / Sp. Tomar
Gulpihares / H. Sintra

Voleibol
Campeonato Nacional - Divisão A1
Série dos Primeiros 5.ª Jornada
Sp. Espinho / Castelo da Maia
Série dos Últimos
Machico / Fiães
S. Mamede / Esmoriz

"Velhas Glórias" do Beira Mar

José Maria Ravara: "Era uma malta muito unida"

O Rossio foi o primeiro "campo de futebol" que José Maria Ravara pisou, quando ainda era um garoto. A sua carreira futebolística começou aos 18 anos. Amante do futebol e da cidade onde nasceu - Aveiro -, há 74 anos, não perde um jogo da equipa que durante 10 anos representou com "muito amor e dedicação". Tendo feito parte da equipa principal do Beira Mar, ocupou todas as posições; até mesmo a de guarda-redes! José Maria Gamelas Ravara foi um dos grandes futebolistas da equipa aveirense e, também, um dos nadadores com mais prémios ganhos.



José Maria Ravara, de pé, à direita

Daniela Sousa Pinto

« Aos 18 anos, José Maria Ravara integrou o plantel da equipa aurenega. A sua carreira terminou 10 anos mais tarde. «Deixei de jogar futebol na época em que estava no ponto de re-educação». Mas foi no Rossio, onde nasceu, que, juntamente com os seus colegas, deu os primeiros pontapés na bola. «O problema era a polícia que não gostava de nos ver jogar. Não percebo muito bem porquê, mas, na verdade, se eles nos viam a jogar à bola, corriam atrás de nós para nos baterem. A mim nunca me apanharam! Se fosse preciso, atirávamos-nos à ria e atravessávamos para o outro

lado... » Os motivos que levavam os polícias a actuar daquela maneira ainda é um assunto que José Maria Ravara não consegue explicar. «Se calhar actuavam daquela maneira, porque eram pessoas com pouca cultura... Não sei bem. Mas nós, quando garotos, éramos mais perseguidos do que os bandidos, hoje».

«O Beira Mar era muito pobrezinho...»

José Maria Ravara jogou apenas no Beira Mar. «Nunca ganhei nada... Mas vivia com muitas dificuldades. Eramos pobres, a minha mãe tinha que me sustentar e aos meus dois irmãos. Com medo de que eu adoescesse, pedia-me muito para eu deixar a bola. Acabei por ceder e deixei de jogar. O pior foram as pressões para que eu vol-

tasse. Isso custou-me muito. Uma vez por outra, ainda fiz alguns jogos, sem estar filiado... Havia a possibilidade de fazer algumas trapoças e lá jogar com o nome de outros colegas...»

Viveu bons momentos nos rebeados por onde passou em representação da equipa aurenega. As saudades são muitas. Porque, para além do grande amor que sente pelo Beira Mar, José Maria acarinha tudo o que faz parte da cidade onde nasceu. «Aveiro é um encanto! Adoro a minha cidade...».

O futebol foi uma das formas que encontrou para representar a cidade; e a natação. «O Beira Mar era muito pobrezinho. Jogávamos com as botas de pares diferentes e tínhamos que andar a escolhe-las antes dos jogos; se estivessem grandes, tínhamos que as encher com meias; as caneleiras eram feitas com revistas e jornais dentro das meias, que nem eram meias, mas bocados de meias... Não tínhamos condições; jogávamos por amor, e era preciso muita dedicação. Não nos queixávamos, não nos lesionávamos com facilidade e não deixávamos de jogar por lá cá aquela palha... Eramos muito rijos. E eu até era muito magro, mas muito saudável, muito duro...»

«Mas estou um bocadinho preocupado com a situação do clube...»

José Maria é o sócio n.º 166 do Beira Mar (o seu número antigo era o 212). Não perde os jogos que o seu clube faz em casa, e fica aborrecido quando a equipa, que defende com "unhas e dentes", perde. «Já fui pior. Habituei-me a ter mais calma e a não ficar tão triste com os resultados. Mas estou um bocadinho preocupado com a situação do clube... Tenho fé, mas não sei se

se vão aguentar na 1.ª Divisão! A equipa é boa, mas falta-lhes um homem que marque golos».

Número na camisola não tinha. Falta, fez uma. Mesmo assim, o bastante para o árbitro o expulsar: «Vio cá uma equipa jogar, que trazia um argentino, e o treinador disse-me: Ravara vai secar o Pereira; mesmo que não jogue, ele também não pode jogar! E assim foi, ele não tocou na bola, mas fez uma falta e fui expulso».

Apesar de tantas dificuldades e de muitos sacrifícios, perdiam muitos jogos por falta de comparência, porque nem sempre era possível deslocarem-se para as outras cidades. Era o que ia acontecendo num jogo marcado com o Espinho, para além de reservado a uma hora da tarde e a equipa principal lá três. Não havia dinheiro para irem as duas, por isso a equipa de reservas teria que faltar ao jogo. Então, o Barata de Lima foi à Direcção do Beira Mar e fez um ultimato: se a equipa de reservas não fosse a Espinho, todos os jogadores iriam embora. Posta a questão nestes termos, a Direcção disponibilizou cento e poucos escudos para que a equipa comparecesse ao jogo. «Demam cerca de 10\$00 a cada um e lá fomos no dia a seguir para Espinho. O Barata de Lima, que era fútil, levou casqueiros da tropa para comermos. Chegámos a Espinho, fomos à praça, comprámos uns carapaus pequeninos, fomos para uma taberna, na zona dos pescadores, pedimos um fogaçor e lá assámos o peixe e comemos. Eu ainda como uma sopa e todos bebemos uma bica. Dentes uma volta na praia e, a seguir, dirigimo-nos para o campo. Ganhámos por duas bolas a uma! E com apenas 10 homens... Ainda sobramos seis tostões para cada um!».

Foram momentos bem vividos, preenchidos por grandes amizades e camaradagem. Tempos e histórias da vida de José Maria Ravara que são impossíveis de recordar sem emoção. «Saudades? Tenho que ter... Era uma malta muito unida».

Ora bolas!

José Maria Ravara conta:

«No Beira Mar havia muita pobreza! Os nossos tratamentos eram com álcool, mercúrio e um líquido branco, um pouco mais espesso do que a leite, para estregar os músculos! As ligaduras eram trapas! Não havia médico nem massagista. Tínhamos um farmacêutico que fazia o que podia!»

«O melhor jogador que conheci foi o Maximiano. Hoje, o melhor de todos é o Figo».

«Admito que se jogue mal por este ou aquele motivo. Às vezes, as pessoas estão maldispostas. Não me azeita que o façam por malandricela».

«Para podermos treinar, tínhamos que chegar muitas vezes atrasados ao trabalho. O filho do dono das Oficinas Gamelas, onde eu trabalhava, era todo do Beira Mar e encobria os nossos atrasos, mas o pai não achava pi-

ada... Tínhamos que fingir que entrávamos à hora normal; levávamos o fato-macaco vestido, deixávamos os casacos escondidos à entrada e fazíamos de conta que não tínhamos chegado atrasados...»

«Quando jogava nas reservas, ficava todo contente. Era a minha maldade...»

«O campeonato distrital de Aveiro era dos mais difíceis do país. Os jogadores eram muito queridinhos.»

«A malta que veio de Lisboa para o Beira Mar tinha ordenado. Nós é que não!»



Jogador, José Maria Ravara
Posição: joguei em todas e só o treinador Baeta me fixou na posição de médio
Características: muito valente e lutador; marcava muitos golos

CHURRASQUEIRA-RESTAURANTE

"A PROA"



RUA DO GRAVITO, 111 - TELEFONE 23460 - 3800 AVEIRO



CAFÉ E CERVEJARIA

ROSSIO

TELEFONE 24578

3800 AVEIRO

Auto Sueco (Coimbra) 1999

De Aveiro para Coimbra e hoje no país inteiro

A Auto Sueco (Coimbra) comemora, no próximo dia 2 de Abril, 40 anos de existência. Presente no distrito de Aveiro desde 1980, através de uma concessão em Albergaria-a-Velha, o concessionário da Volvo para a região Centro do país vem desenvolvendo a sua actividade no sector automóvel com «sucesso». A comprová-lo está o volume de negócios que, no ano transacto, atingiu os 20 milhões de contos; um resultado que engloba não só a comercialização de automóveis, camiões e autocarros, como também de máquinas de obras públicas, de que a Auto Sueco (Coimbra) é a única representante nacional. Em Aveiro, está prevista a construção de novas instalações de raiz junto à variante de Cacia, para substituírem as provisórias, que se encontram actualmente em funcionamento.

Martha Reis

O concessionário da Volvo para a região Centro do país instalou-se em Coimbra há duas décadas, a convite do importador da Volvo em Portugal. Ernesto Rodrigues Vieira aceitou o desafio e, juntamente com a família, constituiu a sociedade para desenvolver o negócio da Volvo nos distritos de Aveiro, Coimbra, Leiria, Viseu, Guarda e Castelo Branco.

Antes de se mudar de «malas e bagagens» para Coimbra, Ernesto Vieira desenvolveu já a sua actividade profissional no ramo automóvel, através da empresa Rodrigues Vieira, Lda, que tinha a concessão da Volvo apenas para o distrito de Aveiro. Já antes, e durante muitos anos, foi concessionário da Volkswagen, tendo a Garagem Central onde iniciou a minha actividade no ramo automóvel, em 1948.

O facto de a concessão da



As instalações da Auto Sueco (Coimbra) em Albergaria-a-Velha

Volkswagen estar a ser bem sucedida, levou Ernesto Vieira a manter a comercialização da marca alemã, após ter aceitado o desafio, em 1959, para desenvolver a concessão da Volvo nos seis distritos que integram a região Centro. Coimbra foi o local escolhido para acolher o primeiro concessionário da marca sueca, por ser um «ponto geográficamente estratégico para o desenvolvimento do negócio».

A construção de instalações para dar o garante de assistência pós-venda ao produto — automóveis, camiões e autocarros — foi o primeiro passo dado para avançar com a concessão em Coimbra. «O negócio foi-se desenvolvendo e, passado alguns anos, menos de 10, construímos novas instalações em Leiria», onde foi aberta a primeira filial da Auto Sueco (Coimbra), liderada por um dos filhos de Ernesto Vieira.

A expansão aos seis distritos da região Centro

O ano de 1976 marca a expansão da empresa a mais três distritos: Viseu, Castelo Branco e Aveiro. Neste último, Albergaria-a-Velha foi o local escolhido para acolher as instalações da marca, tendo por objectivo «cobrir o distrito de Aveiro. A partir do momento em que os automóveis em Portugal ficaram com a importação liberalizada, visto que havia condicionamentos, «nós começámos a pensar na cidade de Aveiro como um pólo indispensável para ter apoio à marca; e resolvemos então criar uma concessão provisória para prestar apoio aos clientes da marca, na cidade de Aveiro». A intenção da família Ernesto Vieira é construir umas instalações de raiz, na variante de Cacia (junto às fábricas Aleluia), onde têm um terreno preparado para esse efeito. Um investimento «que poderá concretizar-se logo que a marca

tenha um desenvolvimento suficiente para justificar esse empreendimento». Ernesto Vieira não adianta nenhuma data para o início das obras, no entanto, diz que «é possível que no próximo se comece a pensar em iniciar esta construção».

Nas duas últimas décadas, «temos sido uma empresa de sucesso», realidade que se reflecte no facto de a Auto Sueco (Coimbra) ter sido considerada, «já por duas vezes, a melhor empresa do país do ramo automóvel, pela revista Exame (em 1992 e 93) e, desde então, estamos sempre entre as cinco melhores empresas a nível nacional».

Segmento médio/alto penalizado pelos impostos

Em Portugal, o segmento médio/alto dos automóveis, como é o caso da Volvo, «não é bom», refere Ernesto Vieira, «visto que é altamente penalizado com impostos, que lhes retiram a competitividade em termos de preço. Por isso, vendem-se poucos automóveis em relação aos outros países da Europa». No entanto, dentro do que é possível vender em Portugal, o responsável da Auto Sueco (Coimbra) refere que a Volvo «está muito bem colocada e tem uma boa quota de mercado». Ernesto Rodrigues Vieira refere que o produto da marca sueca está compatibilizado com as exigências de mercado, isto apesar de a gama de modelos se restringir, praticamente, a dois modelos: o médio (Série 40), cujo preço ronda os 5.500 contos; e o outro (S 80), que pode começar por custar 8.500 contos, podendo depois progredir conforme os acabamentos e os extras. Negócio «extremamente importante» na Auto Sueco (Coimbra) é a comercialização de automóveis de grande tonelagem, «de que somos líderes de mercado há muitos anos».

Monopólio de máquinas de obras públicas

Em 1970, «a empresa foi convidada para ser a distribuidora, a nível nacional, das máquinas de movimentação de terras e obras públicas que a Volvo estava a dinamizar», referiu Ernesto Rodrigues Vieira. O desenvolvimento desta actividade proporcionou aos responsáveis pela Auto Sueco (Coimbra), expandir ainda mais a sua área de abrangência, criando instalações em Vila Nova de Gaia, Lisboa e Alverca. Para além disso, a empresa tem ainda um Centro Operacional, no Algarve, onde a empresa dinamiza a actividade de máquinas para obras públicas e de construção. A comercialização de automóveis, camiões e autocarros fora do Centro do país é exercida por uma associada da empresa, a Auto Sueco, Lda., com sede no Porto.

Um aveirense de convicções fortes



Ernesto Rodrigues Vieira é natural de Aveiro, local onde passou a sua infância. As dificuldades inerentes ao facto de pertencer a uma família humilde levaram-no a procurar novos rumos e a emigrar para o Brasil, com apenas 14 anos. No «país do samba», Ernesto Vieira começou a trabalhar como empregado de uma mercearia, no Pará; depois, «aventurou-se» como pequeno empresário na indústria de extração de madeiras, onde foi bem sucedido. Aos 21 anos, voltou a Portugal para visitar a mãe e não regressou ao Brasil, desenvolvendo por cá as suas actividades nos ramos de mercearias, vinhos e malhas, entre outros. Quando conseguiu capitalizar alguma riqueza, Ernesto Rodrigues Vieira foi convidado a construir a Garagem Central, tendo iniciado aí um novo rumo na sua vida, ao envolver-se pelo ramo automóvel. Uma actividade com algumas dificuldades e algum insucesso de início, confessa; «mas consegui superar esses problemas e fui andando até atingir a Auto Sueco (Coimbra)».

Associação Comercial de Aveiro

Este espaço que agora se inicia no **CAMPEÃO DAS PROVÍNCIAS** tem como responsável pela sua elaboração a Associação Comercial de Aveiro (A.C.A.). A sua periodicidade será semanal e o seu público-alvo são não só os associados da A.C.A. mas todos os empresários (actuais e futuros), bem como o público em geral que se interessa pelas coisas da economia e da gestão. O nosso objectivo é, de uma forma simples e clara, transmitir às pessoas ideias, opiniões e

informações úteis para o desenvolvimento dos seus negócios, ou simplesmente para que possam reflectir connosco sobre este universo tão complexo mas ao mesmo tempo tão aliciante como é o das empresas. Nos dias que correm, caracterizados por um ambiente de permanente e acelerada mudança, quem não se mantiver atento e informado sobre aquilo que se passa à sua volta está condenado a ser ultrapassado pela realidade. Ficar atrás do balcão ou ter a presunção que se sabe tudo ou, ainda pior do que isso, ter a veleidade de pensar que os outros

é que se têm de se adaptar a nós é um erro crasso que só pode conduzir ao fracasso. Este "Consultório da Empresa" pretende dar um contributo para que saiba aquilo que é importante saber-se para que o seu negócio ande para a frente da melhor maneira, vencendo na batalha do mercado. Temos, por isso, a esperança de podermos contar com a sua companhia neste projecto não só como leitor atento, mas também enviando-nos as suas sugestões, comentários e / ou pedidos de esclarecimento.

Sim, o tamanho importa!

O tamanho das coisas é muito importante. Vou-vos dizer qual é a minha opinião acerca do assunto – quanto mais pequeno melhor Já estou a imaginar alguns sorrisos marotos (e trocistas) a dizer que não é assim em tudo... Claro que não! Mas, se nos limitamos ao mundo da economia, verão que – quase sempre – tenho razão.

Vejamos um exemplo: o Estado – de acordo com a sua passada e pesada tradição paternalista – tem abordado a economia numa óptica "manobrista", isto é, procurando dirigi-la ou orientá-la do Terreiro do Paço. Isto vem de sempre, não é de agora. O que significa isto? Que o Poder pouco se tem importado com a "pequena" realidade das empresas (excepto por causa dos impostos, claro), antes procurando influenciar a economia através da sua acção sobre os tradicionais instrumentos de condicionamento "macro".

Assim se explica a preferência clássica pela manipulação (fácil) de coisas como as taxas de juro, o défice orçamental, as parâmetros cambiais, etc. Maragoneira que a inflação está perto dos 2%, as taxas de juro variando algumas décimas, o défice e o preço de conversão das moedas absolutamente "bloqueados" pela política fiscal e monetária da União Europeia, o Estado fica despedido destas ferramentas. É claro que ainda lhe resta apagar para cima ou para baixo umas míseras décimas "de qualquer coisinha", mas isso já nem afecta psicologicamente sobre a economia e os agentes económicos, quanto mais prático.

Estamos, pois, perante um dilema: se queremos tornar as nossas exportações mais competitivas, já não podemos desvalorizar a moeda ou fazer descer as taxas de juro, por exemplo. Que fazer, então? A solução parece-me óbvia: preocuparmo-nos essencialmente com aquilo que tem sistematicamente sido relegado para segundo plano – criarem-se condições para estimular os factores reais de competitividade da célula molecular que forma o corpo económico de qualquer país: as pequenas empresas.

São, de facto, estas que criam mais emprego e de uma forma sustentada, apresentam um maior grau de flexibilidade face a conjunturas recessivas, estão mais próximas do consumidor (logo são mais capazes de oferecerem produtos e serviços adaptados à satisfação das suas necessidades), permitem um desenvolvimento descentralizado do tecido económico, etc., etc.

Como conseguir isto? As receitas são velhas, é preciso é implementar medidas capazes de efectivamente as pôrem em prática. Aqui vão, para que não nos esqueçamos delas:

- a) Apostar numa formação de qualidade, menos académica e mais orientada para a executabilidade operacional das teorias;
- b) Apoio à criação de mecanismos mais expeditos de financiamento às PME's (isto passa, por exemplo, pela "democratização" das sociedades de caucionamento mútuo);
- c) Flexibilização das leis laborais (as garantias dadas aos trabalhadores devem existir, mas não ao ponto de pôrem em causa a criação de emprego ou a asfria à nascerça de muitos projectos válidos);
- d) Dinamizar, através das associações empresariais; o apoio a infra-estruturas do tipo "nichos de empresas", redes de cooperação, missões de informação em mercados exógenos, etc.;
- e) Tornar barato e simples o acesso a infra-estruturas de comunicação de qualidade (incluindo as redes de voz e de dados).

Bom: estas são questões que, cada uma por si, nos poderia ocupar muito tempo; desta vez ficam apenas como tópicos. Em próximas oportunidades avançarei mais em cada um deles. Deixem-me só voltar a sublinhar isto: como diz o ditado "os grandes perfumes guardam-se em pequenos frascos". É tempo, pois, de o Estado começar a deixar-se de "baldes".

Miguel Lemos



Aferição de balanças

A Câmara Municipal de Aveiro tem já a funcionar o Serviço de Aferição de Balanças.

Assim, os comerciantes visados, devem:

- deslocar-se aos Armazéns da CMA para efectuar a aferição das respectivas balanças (segundas e terças-feiras)

- solicitar a deslocação do técnico responsável pelos serviços do próprio estabelecimento ao endereço.

Característica a que devem obedecer os diferentes tipos de pão e produtos afins

A portaria nº 425/98, de 25 de Julho, veio fixar as características a que devem obedecer os diferentes tipos de pão e dos seus produtos afins, regulando igualmente alguns aspectos da sua comercialização.

Sobre a denominação de venda, esta deverá corresponder à farinha utilizada no fabrico, de acordo com as seguintes expressões: "pão de centeio"; "pão integral de centeio"; "pão de trigo"; "pão integral de trigo"; "pão de triticale ..."; "pão de mistura de ..."; e "pão de milho ou broa de milho".

O diploma estabelece, ainda, um considerável número de classificações de anormalidades no fabrico e comercialização de pão, para as quais chamamos a especial atenção dos nossos associados, por isso recomendando uma leitura atenta da norma em causa. Para o efeito devendo solicitar a respectiva consulta nesta associação,

pedindo aqui os esclarecimentos necessários.

Renovação do cadastro comercial

Chamamos a atenção dos nossos associados para a obrigatoriedade de renovação do Cadastro Comercial.

Esta inscrição é obrigatória para todos os estabelecimentos comerciais onde sejam exercidas as actividades de exportador, importador, grossista, retalhista, venda automática, venda por correspondência, venda ao domicílio e aos agentes de comércio, e a sua renovação também.

Os prazos de renovação do Cadastro Comercial contam-se da seguinte forma:

- a) cinco anos a contar da data da primeira inscrição ou da data da última alteração à inscrição comunicada à DGC;
- b) cinco anos decorridos após 03/12/86 e assim sucessivamente;

Quer a inscrição quer a renovação do Cadastro Comercial podem ser solicitadas através das vossas associações comerciais.

A.C.A. On-Line

Cartão Centro Lojas

A Associação Comercial de Aveiro disponibiliza a todos os associados uma nova forma de aumentar as suas vendas:

LOJAS

O Cartão Centro Lojas é um cartão de crédito, ao qual os consumidores apenas terão acesso, se propostos por algum empresário do comércio tradicional.

A si, sr. empresário, permite - vender a crédito até 3 meses, tendo o dinheiro disponível na sua conta no acto da venda;

- o crédito mal parado assumido totalmente pelo banco;

- merchandising é-lhe disponibilizado ao gratuitamente;

- um excelente pacote financeiro? condições muito especiais.
- o cartão centro lojas tem uma comissão de apenas 4,5%.

O sr. Empresário poderá assim, oferecer aos seus habituais clientes, um cartão que, de uma forma totalmente gratuita, lhes permitirá comprar a crédito até três meses, utilizando a sua conta habitual.

Colaborador precisa-se

A A.C.A. está a seleccionar futuro colaborador para a área de marketing, afereco exclusivamente a serviços externos. Os eventuais interessados deverão dirigir-se a esta associação, e junto da dr.ª Helena marcar a sua entrevista.

Telemarketing

O telemarketing é uma ferramenta fundamental, dinâmica e económica de propiciar vendas e fidelizar clientes. O telefone é, por outro lado, muitas vezes, a única imagem que um cliente tem da sua empresa.

Usar o telefone, é talvez, aquele segredo simples de que nunca se lembrou para fazer crescer e melhorar a imagem do seu negócio. Saiba tirar dele todo o partido!

Para o efeito, esta Associação promovê-lo, nos próximos dias 13 e 20, cursos intensivos de telemarketing, para que o sr. Empresário saiba a excelente ferramenta que tem ao seu dispor. Contacte a A. C. A., pelo telefone 034 377194, e faça a sua inscrição!

Virgin Cola faz sucesso no mundo e na Internet

Internet

A Virgin alargou o seu âmbito comercial com a venda de um novo produto. O ano passado, só no Reino Unido, foram vendidos mais de 49 milhões de litros de Virgin Cola, que equivale a 150 milhões de latas comercializadas.

Na Internet, a Virgin faz questão de mostrar o produto e todas as iniciativas que lhe estão associadas, bem com algumas curiosidades sobre a mais recente cola do mercado. Por exemplo, se colocássemos as latas de Virgin Cola vendidas o ano passado no Reino Unido, lado a lado, elas atingiriam uma distância de 18 mil quilómetros, o que equivale a cerca de metade da distância à volta do mundo.

No rol das "20 coisas que não sabia sobre a Virgin Cola", aparece uma observação à concorrente Coca Cola; segundo os responsáveis por este site, quando Richard Branson criou a Virgin Cola, a sua congénere, e rival, atribuiu-lhe uma esperança de vida de seis meses; previsão errada, dado que a empresa tem agora três anos, 50 empregos e vale já mais de 20 milhões de libras.

A criatividade dos designers da Virgin Cola, fez nascer em Fevereiro de 1996, a garrafa "Fanny", moldada segundo as formas da actriz de "Baywatch", Pamela Anderson, com algumas pequenas alterações na proporção de certas partes.

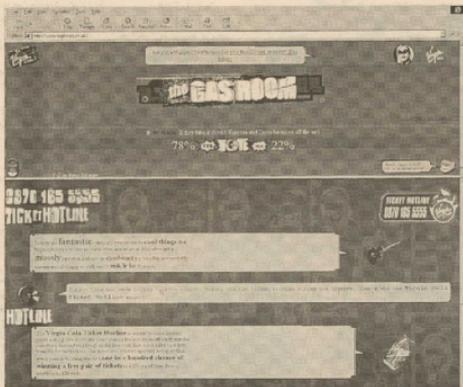
Debbie Flett é a "cara" da Virgin Cola,

a única marca que usa latas feitas 100% de alumínio, no intuito de serem recicláveis. A publicidade televisiva à mais recente marca de cola, vai voltar aos ecrãs em Junho. Para além de freiras a beliscar em nádegas, brasileiras a fazerem aeróbica e escandinavos nus na sauna, haverá um novo spot que conta uma história de tutos... a não perder!!

"The Gas Room" é um link do site da

Virgin Cola onde a "liberdade de expressão" é privilegiada. Logo à cabeça da página, a Virgin tem reservado um espaço onde é possível colocar o endereço (URL) do site favorito com um comentário pessoal, sendo o mesmo "cargado" para que todos possam ver. "All Saints disaster", "Meet me here", "OK, let's go to a gig", "Killer needs", "Surf me baby", "Your own personal web page", "Teen Lust", "It's a Live chat time", "Show us your favourite web site", "Looking for a Good Time", "Vote Suggestions" e "Web site mania", são os links da Virgin Cola que oferecem diversão e prometem proporcionar uma "navegação" leve a todos os cibernautas.

O site pode ser encontrado em <http://www.virgincola.co.uk/>.



Cinema
Estúdio Oita
(de 5 a 11 de Março)
"A Barreira Invisível" - Um filme de Terrence Malick. Actores: Sean Penn, Nick Nolte, Ben Chaplin e Woody Harrelson.
(14.30h, 16.30h, 18.30h, 21.45h)
Estúdio 2002
(de 5 a 11 de Março)
"Paixão de Shakespeare" - Um filme de John Madden. Actores: Gwyneth Paltrow, Joseph Fiennes.

Shakespeare em "Romeu e Julieta"



"Shakespeare in Love" é, acima de tudo, uma homenagem ao teatro. Um filme que, apesar do seu estilo clássico, próprio da época em que acção se passa, desentola-se de uma forma simples e ágil. A essência de Shakespeare é captada no seu melhor, sem deixar, no entanto, de transparecer para o grande ecrã, uma via pessoal dos argumentistas, onde o espírito assume também uma presença carnal. Durante o seu brilhante percurso literário, Shakespeare poderá ter sido afetado por uma crise de inspiração. Ao conhecer uma jovem que tem uma paixão profunda pelo teatro, Dama Viola, o escritor apaixonou-se profundamente e inicia uma relação físico-textual.

Na altura, Shakespeare encontrava-se a escrever "Romeu e Julieta", uma peça que, inicialmente, seria uma comédia. No entanto, o autor altera o género da história à medida que começa a retratar, na mesma, os acontecimentos do seu romance com Dama Viola.

De salientar o papel desempenhado por Gwyneth Paltrow, como Dama Viola, uma série candidata a arrebatar o Oscar para melhor actriz.

Breves

Mezzo: enciclopédia na Web

A cadeia musical Mezzo pôs em linha na Internet a sua enciclopédia clássica e contemporânea.

Esta base de dados discográfica tem já mais de 90 000 fichas e é seni encicliada regularmente, de sons, de imagens e de novos critérios de busca.

Endereço: <http://www.mezzo.fr>.

BBC World Service: fim em alemão

A BBC World Service anunciou o encerramento, no fim deste mês, do seu serviço em alemão, depois de ter notado que a grande maioria dos auditores, na Alemanha, escutava o serviço em Inglês.

Música

41º Annual Grammy Awards Lauryn Hill foi a estrela da noite

A cantora feminina dos Fugees, Lauryn Hill, venceu os prémios Grammy, equivalente na música aos Oscar do cinema, com cinco troféus, um recorde absoluto para vozes femininas. Numa competição dominada pelas mulheres, de salientar o sucesso da balada de "Titanic", "My Heart Will Go On", de Céline Dion, que conquistou quatro Grammy.

Esta é a primeira vez que um artista rap - a música das rus de Nova Iorque - ganhou os principais Grammy. Lauryn Hill ganhou os prémios referentes ao álbum do ano ("The Miseducation Of Lauryn Hill"), revelação, melhor interpretação feminina de r&b, melhor canção de r&b ("Doo-Wop (That Thing)) e melhor álbum de r&b.

Lauryn Hill, que já tinha obtido um recorde de 10 nomeações em nove categorias, ultrapassou o máximo de Carole King, que tinha ganho quatro Grammys em 1971 com "Tapestry". O Grammy de revelação para Lauryn Hill é considerado estranho, já que a cantora, enquanto membro dos Fugees, já tinha obtido dois prémios.

O sexto Grammy atribuído à balada de "Titanic" foram na categoria de disco do ano, canção do ano, interpretação pop feminina e melhor canção de banda sonora.

Madonna, que já vai nos quarentas, ganhou os primeiros Grammy da sua carreira - três - com o álbum "Ray Of Light", considerado o melhor álbum pop e melhor disco de dança; para além destes dois prémios, o último álbum de Madonna valeu-lhe ainda o Grammy para melhor vídeo.

Na galeria dos vencedores seguiram-se Shania Twain, Stevie Wonder, Dixie Chicks e Brian Setzer Orchestra, com dois Grammy cada.

A língua portuguesa ganhou o Grammy para o melhor álbum de world music com a distinção de Gilberto Gil e do seu disco "Quanta Vida". Nesta categoria, concorria também Cesária Évora com "Miss Perfumado" que não obteve assim, pela terceira vez, os favores do júri. Gilberto Gil ganhou não só a Cesária Évora, mas também a King Sunny Ade ("Odu"), Angélique Kidjo ("Oremi") e

Robbie Robertson ("Contact From The Underworld Of Redboy").

Sir Georg Solti, Quincy Jones, Vladimir Horowitz, Stevie Wonder e um Grammy, embora Júlio Pereira tenha participado em "Santiago", os Chieftains, vencedor do melhor álbum de world music, lá três anos.

A NARAS (Academia Nacional de Artes e Ciências da Gravação dos Estados Unidos) atribuiu prémios em 95 categoria de 28 áreas diferentes, que vão da música rock à música clássica. Para os prémios, houve 475 nomeações de álbuns apenas editados nos Estados Unidos entre 1 de Outubro de 1997 e 30 de Setembro de 1998.



Lauryn Hill arrebato 5 Grammy

A vez da voz

A rádio tem essa magia muito especial: é de dar rédea solta à imaginação das ouvintes. Através da voz, imaginam-se rastos e personalidades. A maior parte das vezes, a imagem criada é muito distante da realidade. Por isso, a rádio continua a ser uma caixa de surpresas. Dar a conhecer as caras das vozes que ocupam as ondas sonoras, é o objectivo deste novo espaço.

Miguel Bastos: «As rádios locais acabaram por se tornar aborrecidas»

Paula Ventura

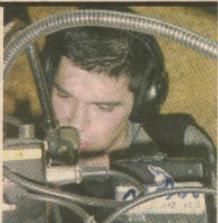
Há oito anos que ouvimos a voz de Miguel Bastos nos 94,4 da Moliceiro FM. Uma presença forte e marcante nas ondas sonoras da região. É jovem mas, no seu caso, tal não é sinónimo de ligeireza, antes pelo contrário: trata a música por "mã" e leva muito a sério tudo o que faz. Aos 26 anos, tem a certeza de estar na profissão certa ou, pelo menos, de estar a fazer aquilo que mais gosta: trabalhar com música. Ocupa cerca de sete horas por dia a ouvir música e a ler publicações da especialidade. Começou a fazer rádio aos 14 anos, na extinta Rádio Oceano, com o programa "Musicart". Uma aventura intrompida com o processo de legaliza-

ção das rádios locais. A "Oceano" passou à história, e Miguel Basto ingressou na também já extinta "RIA - Rádio Independente de Aveiro", onde permaneceu cerca de três anos. Fazia um pouco de tudo: emissões desportivas; os programas da manhã; rubricas de música e vídeo e aquilo a que se chama locução de continuidade. A dificuldade em conciliar os estudos com a rádio levou a que passasse a ocupar "a antena" apenas os fins-de-semana. Surge, então, a oportunidade de mudar para a Rádio Moliceiro, onde começa a trabalhar quase a tempo inteiro. Uma mudança que, a nível pessoal, assumiu «como uma profissionalização, apesar de sempre ter levado esta actividade muito a sério. A componente económica é a parte pior

desta actividade. «Se tivesse um filho, provavelmente, não poderia estar a fazer o que faço». Por outro lado, tem consciência que «seria possível fazer coisas melhores e mais criativas, mas tudo custa muito dinheiro, e as rádios locais não encontram eco no tecido empresarial regional. Também por isso, mas não só, Miguel Bastos classifica o panorama radiofónico regional de «muito pouco interessante». Num esforço de, a todo o custo, transmitirem uma imagem credível, «as rádios locais acabaram por se tornar aborrecidas, por outro lado, «mantém uma relação pouco coerente com o meio onde se insere». A estas questões não será alheio o facto «de a maioria das administrações terem parado no tempo, enquanto os animadores/locutores são muito jovens. Resultado: música nova apresentada em modelos velhos e ultrapassados».

Gosta de trabalhar em Aveiro mas lamenta que, actualmente, se faça tão pouco a nível cultural na cidade; por isso, pondera a hipótese de, um dia, «sair daqui para ver e aprender com o que fazem mais e melhor pela cultura».

Com o quase desaparecimento de programas de "discos perdidos" e de passatempos em directo (que não existem na Moliceiro FM), os locutores acabam por sentir alguma dificuldade em auscultar a opinião dos ouvintes. «A culpa é das rádios, por causa de uma série de preconceitos mas ninguém tem problemas em passar uma qualquer cantora sul-americana que, afinal, não diz nada a ninguém».



com as novas tecnologias: é mais fácil enviar um e-mail do que escrever uma carta». Mas Miguel Bastos não se admira com esta falta de participação, até porque considera que «as rádios estão cada vez mais comodistas». Tal como diz Gilberto Gil, «o povo sabe o que quer mas também quer o que não sabe»; e, nesta altura, a grande preocupação parece ser de dar aos ouvintes apenas aquilo que eles gostam, contentando-se o risco de dar muito pouco». Apesar de não se considerar "elitista", lamenta que os seus colegas não arrisquem, em termos musicais, «às tantas não se toca Carlos do Carmo, por causa de uma série de preconceitos mas ninguém tem problemas em passar uma qualquer cantora sul-americana que, afinal, não diz nada a ninguém».

Em termos de grandes vozes, a selecção de Miguel Bastos passa por José Ramos, Alberto Ramos e Carlos Duarte; os locutores eleitos são António Sérgio, Aníbal Cabrita e Sílvia Alves.



Antónia Rodrigues
TEXTO DE
MEMÓRIAS DE AVEIRO,
DE MARQUES GOMES
DESENHOS
M. PAULA DIAS
Conclusão

ALGUM TEMPO DEPOIS FOI CELEBRADO O CASAMENTO

LOGO APÓS O CASAMENTO, OS DOIS CONJUGES PARTIRAM PARA PORTUGAL

À CHEGADA A LISBOA

FORAM RECEBIDOS COM GRANDES DEMONSTRAÇÕES DE AFECTO

ANTÓNIA RODRIGUES RECEBEU DE FILIPE III COMO PREMIO DOS SEUS SERVICIOS, DUZENTOS CRUZADOS, UMA TENÇA DE 10.000 REIS E UMA FANGA DE TARIJINA CADA MÊS.

NOS MAIS TARDE FOI APRESENTADO A FILIPE III, DE ESPANHA, UM FILHO DE ANTÓNIA RODRIGUES

PELOS RELEVANTES SERVICIOS PRESTADOS A CORTE POR TUA MÃE, EU, FILIPE III ELEVO-TE À DIGNIDADE DE NOÇO DA REAL CÂMARA!

fim